

• *Quando Rainal* •

EMMA

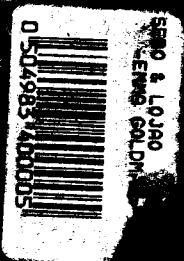
Goldman

ELISABETH SOUZA LOBO

A VIDA COMO REVOLUÇÃO

Da Lituânia aos EUA,
depois à Rússia
Bolshevique, à
Espanha dos
anarquistas
revolucionários nos
anos 30... Emma
Goldman correu o
mundo num combate
incansável. Radical.
Não existe uma

oposição entre sua vida
e sua obra, entre o
engajamento nas lutas
sociais e os sonhos de
felicidade, entre a
militante anarquista e
a mulher apaixonada.
Talvez por isso mesmo,
por ter abraçado as
causas perdidas ou
malditas, por não ter
sido séria como
convinha aos mártires,
tenha permanecido
esquecida e silenciada.
Surtiu resgatada pela
geração iconoclasta dos
anos 60. Uma lição de
vida no início do
século: uma esperança
de futuro a todos os
oprimidos.



Brasiliense

APRESENTAÇÃO

Descobri as memórias de Emma Goldman numa resenha de revista.

Desde então, fascinada, fui juntando livros e biografias, auxiliada pela gentileza de amigas e amigos: de Helena Hirata, de Leni Silverstein, de Evelina Dagnino, de Pilla Vares, Paulo Paranaguá e, especialmente, de Michael Hall.

Quando pensei em escrever este trabalho, pareceu-me coisa fácil. Mas aos poucos fui sendo envolvida pelas exigências da história: o nihilismo, a *Amerika* dos imigrantes, a era progressista, a grande revolução de outubro. Valeram-se as indicações bibliográficas de Marco Aurélio, as conversas com Beth Higgs.

Pelas mãos de Mariza Zanata, do Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas,

recebi emocionada alguns preciosos números da revista *Mother Earth*, publicada por Emma Goldman.

Nessa época, fora lançado o filme *Reds*, em que Emma Goldman é personagem. Demasiado séria para a versão que eu fazia dela. Logo depois encontrei a personagem rocambolesca de Emma no romance *Ragtime* de E. L. Doctorow. Finalmente, graças ao incansável professor Hall, descobri a Emma erótica das cartas a Ben Reitman, reproduzidas num artigo de Alice Wexler.

Não era tudo, mas já havia material para muito estudo.

Mais difícil foi redigir.

Era preciso traduzir *geffulte fish* ou não? Consultei amigas e amigos de origem judaica. Deveria incluir no texto as cartas eróticas? Professor Hall acusava-me de estar (auto)censurando. Mas como traduzir linguagem erótica vitoriana para o português?

Estabeleceu-se então uma conexão telefônica São Paulo-Rio-Ilha de Santa Catarina, cujo tema teria feito a alegria de possíveis interferências. E a tradução de Rosaura Cynthia Eichenberg ficou perfeita.

No prefácio às suas memórias, Emma Goldman escreveu: "A vida que eu vivi é feita daqueles que fizeram parte dela, que ficaram por um pouco ou por muito tempo, que passaram. Seu amor, tanto quanto seu ódio, fizeram minha vida valer a pena".

A versão que fiz deve muito a muitas mulheres, amigas, (re)encontradas ou perdidas. A Ruth Sant'

Anna Brandtner, a Regina Marcondes, a Jany Chiriac.

Espero ter sido fiel às muitas faces, aos múltiplos encantos, aos sonhos de Emma Goldman. Aos de Ruth, Regina e Jany. Resgatados para aqueles (as) que, como Leon Garcia, sonharão no ano 2000.

DO GHETTO A NOVA IORQUE: TRAJETÓRIA DE UMA MOÇA JÚDIA

De que matéria se faz uma rebelde, uma mulher rebelde?

São Petersburgo, 1884, uma família judia. O pai, Abraham Goldman, quer que a filha Emma, 15 anos, abandone os estudos para casar.

Emma resiste.

Abraham, colérico, joga na lareira a gramática francesa da filha e grita: "Meninas não têm muito que aprender. Tudo o que uma filha judia precisa saber é preparar um *geffulte fish*, fazer uma massa bem leve e dar ao homem muitos filhos".

Impossível, Emma repetiu para si mesma seus sonhos mais caros: estudar, conhecer a vida, viajar e só casar por amor.

A história de Emma — a vermelha, russa, judia e anarquista — poderia começar aqui. Ou em Chicago,

em 1887, quando foram executados os anarquistas acusados pelo atentado de Haymarket, o que fez Emma decidir-se pelas lutas sociais. Ou no ano de 1889, quando chegou sozinha a Nova Iorque, cenário futuro de grande parte de sua vida.

Durante 30 anos, foi agitadora profissional, ativista sindical, propagandista da liberdade, da contracepção e do amor livre. Ficou conhecida como "Rainha dos Anarquistas" e a mais perigosa mulher do mundo.

Anarquista e, também, feminista, Emma foi mulher e militante. A mulher, sua vida, seus sentimentos, são frequentemente matéria de sua militância e de seus discursos.

Suas idéias sobre a liberdade, a igualdade, a importância da sexualidade, o ciúme, o casamento ou a maternidade se forjaram numa vida intensamente vivida, trazem marcas de seus próprios conflitos. Foi assim que ela se viu quando escreveu: "(...) Faço meu trabalho porque não posso ver o que está errado sem protestar. (...) sou uma anarquista, nasci assim". "(...) As circunstâncias às vezes nos desgastam, destroem nossas boas intenções, paralisam nossas energias e nos obrigam a fazer o inverso do que desejamos. Mas acredito, também, que quem tem força de caráter e perseverança, supera suas circunstâncias."

Suas circunstâncias foram o *ghetto* de Kovno na Lituânia, onde nasceu em 1869, nos tempos do czar de todas as Rússias. Nessa época, os judeus gozavam de relativa tranqüilidade, sob a proteção de

Alexandre II. Podiam locomover-se fora dos limites da reserva judaica e ter as atividades que quisessem. Mas a família Goldman enfrentava dificuldades. Taube Biendvitch, viúva com duas filhas, casara-se com Abraham Goldman porque assim deveria ser. A má sorte fez Abraham perder, nos negócios, a herança que Taube trouxera de seu primeiro casamento. Pouco depois, nasceu Emma, quando Abraham esperava um varão.

Aos oito anos, Emma foi morar com a avó e tias em Königsberg, para estudar numa escola alemã. A avó adoeceu e, na sua ausência, tios e tias fizeram da sobrinha uma espécie de escrava doméstica. Passou frio, fome, foi espancada, até que vizinhas penalizadas avisaram os pais do que estava acontecendo. Voltou para casa e conseguiu, afinal, ir para a escola.

As circunstâncias pareciam decididas a dominá-la, mas ela resistia. O professor de religião batia com a régua nas mãos dos alunos, Emma em represália enchia-lhe os bolsos de caracóis. O professor de geografia costumava forçar duas ou três alunas a ficarem na sala depois da aula, sentava-as nos joelhos, bolinava-as e prometia boas notas em troca do silêncio. Quando chegou a vez de Emma, ela agarrou-se à barba do professor galante e conseguiu escapar. A vingança não tardou — o professor em aula cravou-lhe as unhas no braço até que Emma, aos gritos, conseguiu chamar a atenção de toda a escola. Semanas depois, o braço de Emma ainda tinha as

marcas do episódio, mas o professor desapareceu.

Apesar de tudo, Emma gostava de estudar. A professora de alemão, gentil e romântica, iniciava-a na cultura germânica, música e literatura. Emma venerava a família real alemã, Frederico o Grande, a graciosa e linda rainha Maria Luiza, “tão cruelmente maltratada pelo carniceiro Napoleão”. Juntas mestra e aluna choravam as infelizes heroínas das novelas. Estimulada, conseguiu ser aprovada no exame para freqüentar o *Gymnasium*. Necessitava apenas de um certificado de boa conduta do orientador religioso. Não conseguiu. O santo homem declarou tratar-se de uma menina de péssimo caráter, certamente fadada a tornar-se uma mulher ainda mais imoral, pois não respeitava os mais velhos nem as autoridades, e terminaria, com certeza, os seus dias na forca, por ameaça à sociedade.

Restou a Emma a esperança de poder estudar em São Petersburgo, para onde fugira a família Goldman depois do assassinato de Alexandre II, em 1881.

Nessa época, a repressão atingiu duramente os judeus. Impedidos de trabalhar nas comunidades rurais e expulsos das terras, foram proibidos de ultrapassar os limites da reserva, de freqüentar escolas e universidades, de trabalhar no serviço público e de participar nas Assembléias Comuns.

Foi nesse clima de opressão e miséria dos *ghettos* que nasceu o anarquismo russo, fruto da revolta de estudantes, operários e camponeses contra o despotismo dos tzares. Sonhavam com “uma sociedade

libertária, descentralizada, construída através de uma revolução social que aboliria toda autoridade política e econômica". Profundamente enraizados nas revoltas camponesas, eram terroristas e propagandistas do relâmpago negro, cuja aparição nos céus da Rússia marcaria o início de uma grande tormenta, como no poema de Gorki.

Na capital cosmopolita e agitada, Emma descobriu o nihilismo, mas não pôde estudar por muito tempo. Para ajudar as finanças familiares, foi ser costureira numa fábrica de espartilhos. Mesmo assim, conseguiu escapar às circunstâncias. As leituras puseram-na em contato com o pensamento nihilista e as personagens de Turgueniev em *Pais e Filhos* e de Tchernichevski em *Que Fazer?* foram seus novos modelos. Como Vera, a heroína de *Que Fazer?*, amaria um companheiro de ideal, organizaria uma cooperativa de costura e viveria sua própria vida.

Quando a irmã Helena decidiu juntar-se à outra irmã nos Estados Unidos da América, Emma não hesitou. Teve de enfrentar a resistência dos pais, ameaçou jogar-se no rio Neva e venceu. Em dezembro de 1885, embarcou junto com a irmã no navio Elba rumo à América. Pensava estar deixando para trás "os três fantasmas que acorrentam homens e mulheres: a religião que nos domina a mente, a propriedade privada que nos faz escravos e o governo que nos oprime".

"UM NOVO MUNDO DIANTE DE MIM"

"No convés, apertadas uma à outra, as irmãs Goldman contemplavam extasiadas o porto, a estátua da Liberdade, símbolo da esperança, da liberdade, da oportunidade."

Milhares de judeus, russos, lituanos, romenos, chegavam então à *Amerika*. Famílias numerosas, muitas mulheres jovens fugiam da fome e dos *pogroms*. Encontravam já instalados judeus alemães, proprietários de fábricas de tecidos e de roupas, dispostos a absorver esses vastos contingentes de mão-de-obra barata e desprotegida.

Habitados à vida nos *ghettos*, os judeus não perderam sua vitalidade cultural: circulavam jornais em alemão, ídiche, organizavam palestras e discussões



Imigrantes europeus navegam para a "Amerika", Terra Prometida, nos anos de 1890.

— única diversão para quem vivia comprimido entre a fábrica e os cortiços.

Emma e Helena instalaram-se em Rochester, onde já morava a outra irmã, Lena. Trabalhar não era difícil, difícil era viver. Emma voltou a ser operária.

Na fábrica, a disciplina era rígida: as moças não podiam falar nem cantar como em São Petersburgo. A cadência esgotava as forças das mais resistentes, o salário não sobrava para um teatro ou um concerto, o patrão cantava as operárias e propunha chantagem por um aumento de salário.

Pouco tempo mais tarde, a família Goldman juntou-se às três filhas. Emma viu-se entre três peças e uma cozinha, com o pai, a mãe, Helena e os dois irmãos.

Sufocava.

Tinha quinze anos quando conheceu o operário russo Jacob Kershner. Era bonito, gostava de música e de dançar. Para ajudar a família Goldman, Kershner tornou-se pensionista na casa de Emma.

Era preciso escapar: da casa apertada, das brigas familiares. Emma casou-se com Kershner. Como Vera, sua heroína literária, prometera casar-se por amor. Percebia que Kershner, pouco a pouco, perdia o entusiasmo pelas idéias, pelo teatro, convertia-se ao jogo de cartas, às bebedeiras, "faltava-lhe espírito e calor".

Como num melodrama, o desencanto consumou-se na noite de núpcias. Kershner, trêmulo, confessou-se impotente e adormeceu, deixando Emma imersa

nos seus sonhos frustrados de um grande amor romântico.

A vida então se tornou insuportável.

Na sexta-feira 12 de novembro de 1887 — a sexta-feira negra —, foram enforcados em Chicago os líderes operários Parsons, Fischer, Engel, Spies e Lingg. Eram acusados de responsáveis pelo atentado a bomba ocorrido na praça de Haymarket, durante as greves e lutas pela jornada de oito horas.

Nessa mesma noite, na casa da família Goldman, uma vizinha observou que, afinal, nada havia a lamentar, pois os enforcados eram também assassinos. Emma, indignada, avançou sobre a mulher, agarrou-a pelo pescoço e jogou-lhe um jarro de água, gritando: “fora ou te mato”.

Logo depois, abandonou Rochester e o marido, para trabalhar em New Haven, onde encontrou um ativo ambiente de anarquistas e socialistas. Mas ficou doente e foi obrigada a voltar para casa. Novamente tentou viver com Kershner. Não por muito tempo. Decidida a fugir das circunstâncias, viajou sozinha para Nova Iorque.

Tinha vinte anos, uma mala e uma máquina de costura. “Um novo mundo estava diante de mim, era estranho e assustador. Mas eu era jovem, com boa saúde, e estava apaixonada por um ideal.”

Aqui, o ritmo em suas memórias lembra um velho filme; rapidamente as imagens se sucedem: o burburinho das ruas de Nova Iorque o café Sach’s, onde se



*Alexander Berkman
(Sacha) na época
em que conheceu Emma.*



Emma por volta de 1890.

reuniam "os radicais, socialistas e anarquistas, escritores e judeus e poetas, falando iídiche e russo".

Levada por um conhecido de New Haven, Emma chegou ao café e logo foi apresentada a um jovem anarquista russo, Alexandr Berkman, Sacha, que lhe arranhou um quarto no apartamento de amigas e, na mesma noite, convidou-a para ouvir o mais importante líder anarquista na América — Johan Most, editor do jornal *Die Freiheit*, que Emma começara a ler ainda em Rochester.

Os planos se confundem: a vida, o ideal, o amor, o anarquismo. Sacha era o "amor puro e duro", entre revolucionários dedicados à Causa e à Ação. Fedya, o pintor, o refúgio de beleza, de quem amava as flores e cores e de "dançar até a morte". Most, o Mestre, introduziu-a ao pensamento anarquista, levou-a à Ópera e aos teatros. Trabalhava na redação de *Die Freiheit*, lia Lassalle e preparava, com Sacha, o comício pelo aniversário do massacre de Chicago. Vivia três planos, amava três homens. Era possível? Claro, quando o amor significava liberdade, e a posse e o ciúme deviam ser combatidos como vícios burgueses. Mas não era fácil.

Algum tempo depois, Most propõe-lhe fazer uma *tournee* de conferências sobre a jornada de oito horas. Emma hesita, o Mestre termina convencendo-a. Confiava no entusiasmo e na dramaticidade da discípula. A primeira conferência seria em Rochester.

"O trem partiu. Apenas seis meses haviam passado desde que eu cortara as amarras de meu passado

vazio. Vivi muitos anos em poucos meses."

A mulher que viajava num trem para Rochester era agora a militante anarquista Emma Goldman, não mais a moça revoltada em busca dos ideais românticos. Mas, entre as duas, havia laços profundos e uma era matéria da outra. O anarquismo de Emma não era apenas um sistema de idéias que explicava as leis da história, era a expressão de seu amor pela vida e pela humanidade, do seu desejo de igualdade, de beleza, de justiça, de sua vontade de viver livremente, da "revolta visceral" à experiência da pobreza, da opressão quotidiana na família, na escola, no casamento.

Os "indivíduos revoltados", de que fala o anarquista Daniel Guérin, confundem paixão e política. Vivem e sonham idéias, sentimentos e sonhos. São humanos. Talvez demasiado humanos.

Emma vivia o ideal de uma sociedade natural, "baseada na liberdade não limitada pelas leis dos homens, porque todos os governos repousam na violência, na igualdade econômica que permita o florescimento do que existe de bom e verdadeiro nos homens e mulheres, no acesso ao prazer da vida, conforme os desejos, o gosto e as inclinações de cada um e de cada uma".

Na luta secular entre o Velho e o Novo, o Indivíduo e a Sociedade, o anarquismo seria o pacificador. Cada nova geração tem de romper as malhas em que o passado nos envolve, dessacralizar as heranças legitimadas: a religião, o Estado, a propriedade, que

regulam nossa vida e corroem nossa liberdade. Que instauram o medo e a servidão.

A militante Emma Goldman vivia dois mundos e duas culturas. Por um lado, seu pensamento mergulhava profundamente no messianismo anárquico russo, por outro, sua prática estava moldada ao movimento operário e à boêmia radical americana do começo do século.

O anarquismo russo retomara a tradição das revoltas camponesas contra a servidão e as lutas dos operários e estudantes contra a fome e o despotismo, reinstaurados após o assassinato do czar Alexandre II em 1881.

A essa tradição haviam-se somado as idéias e a figura lendária de Bakunin, "amante fanático da liberdade", "partidário da igualdade econômica e de um socialismo instintivo". "A guerra de classes total libertaria a humanidade e restabeleceria a harmonia natural na sociedade", dizia Bakunin. Essa revolução social seria obra de todos os deserdados, dos camponeses primitivos do lumpemproletariado dos subúrbios, dos desempregados, dos vagabundos, dos sem-lei.

Para chegar a revolução, seria necessária uma organização secreta, disciplinada e submetida a uma direção, que atuasse junto às massas sem pretender ser sua vanguarda.

Crítico de Marx, que considerava "um autoritário dos pés à cabeça", e do "socialismo autoritário" marxista, Bakunin sonhava com uma sociedade

organizada de baixo para cima, através da livre associação, e não de cima para baixo, através de alguma autoridade qualquer.

Mais tarde, seu discípulo Kropotkin, nascido na nobreza russa, cientista eminente, desenvolveu a idéia de uma organização social baseada em comunidades naturais autônomas, que combinassem atividades industriais e agrícolas, trabalho manual e intelectual, e fossem uma alternativa "à forma Estado, necessariamente centralizadora e opressora". O progresso social "seria uma aproximação contínua da supressão de toda autoridade governante, do pleno desenvolvimento do contrato livre, da livre iniciativa dos indivíduos e das coletividades".

Kropotkin insistia na necessidade de abolir o trabalho assalariado, porque "o trabalhador assalariado permanece escravo", pouco importa se de um patrão ou do Estado.

As condições de desenvolvimento do anarquismo na Rússia foram sempre difíceis, sob a repressão do regime czarista. Por isso mesmo, e também na tradição do populismo (movimento de oposição ao autoritarismo do regime czarista), seu precursor, e das revoltas camponesas, a violência revolucionária se impôs para os anarquistas como método de ação combinado à propaganda.

A reação se abateu sobre o império dos tzares a partir de 1876. Mas Kropotkin, no exílio, manteve vivo o sonho dos anarquistas. Em Genebra e Londres, círculos de exilados russos publicavam panfletos,

organizavam discussões. Logo, o exílio anarquista chegou também à América. Para Emma, Kropotkin era o pai do anarquismo moderno, “seu porta-voz”, “uma personalidade acima de todos seus contemporâneos, pela sua humanidade, pela sua fé nas massas”.

Naquele momento, quando Emma iniciava sua primeira *tournee* como propagandista, o anarquismo americano já vivera seus anos de ouro.

Em 1877, eclodiram nos Estados Unidos grandes greves de ferroviários. Desde então, o movimento operário encontrara um fértil terreno para se desenvolver: os trabalhadores reagiam à exploração selvagem imposta pela industrialização, aos baixos salários, à jornada de trabalho exaustiva, às sucessivas crises econômicas. Essa reação vinha, freqüentemente, marcada por divisões internas: os trabalhadores qualificados se organizavam de forma corporativa, em “fraternidades que excluam a crescente massa de trabalhadores não-qualificados, quase sempre estrangeiros, discriminados e recebendo salários de fome”.

Em 1876, os operários não-qualificados começaram a se organizar por ramos industriais e não por ofícios. Surgiram então os Cavaleiros do Trabalho (*Knights of Labor*).

Por outro lado, reproduziam-se também as divergências existentes no interior da I Internacional, entre “economicistas”, que defendiam a prioridade das lutas operárias pela revolução social, e os “políticos”, que, como Lassalle, defendiam a ação parlamentar, a participação dos trabalhadores na política

do Estado.

Em 1881, com a chegada de Most, discípulo de Bakunin e fundador da Internacional Negra — a dissidência anarquista da I Internacional de Marx e Engels —, as várias tendências anarquistas se unificaram, inclusive o importante grupo de Chicago, liderado por August Spies e Albert Parsons.

A Associação Internacional do Povo Trabalhador, fundada por eles em Pittsburgh em 1886, apoiou o movimento dos Cavaleiros do Trabalho. Organizou-se uma greve geral nacional. Mas a força do movimento foi brutalmente cortada pela tragédia de Haymarket em Chicago, alguns dias mais tarde. Ao final de uma concentração pacífica dos operários, explodiu uma bomba matando vários policiais. Os líderes anarquistas foram responsabilizados pelo acidente, cuja autoria nunca foi realmente apontada. Pouco tempo depois, Fischer, Engel, Spies e Parsons foram enforcados.

A tragédia de Haymarket seria, para Emma, o ponto de ruptura com o passado de moça judia bem-comportada. Anos depois, quando iniciava sua vida militante, os anarquistas ainda não se haviam recuperado da repressão que se seguira a Haymarket. Dos sete mil libertários, organizados em 80 grupos, pouco restava. Um pequeno grupo em torno a Most e seu jornal *Die Freiheit* defendia a ação direta como forma principal de propaganda revolucionária e criticava as ilusões e o desgaste das lutas pela jornada de oito horas.

A defesa dessas idéias era a tarefa de Emma, em sua *tournée*. Apesar das leituras atentas, sentia-se pouco à vontade, “um papagaio capaz apenas de reproduzir frases alheias”.

Terminado o primeiro discurso na Associação Germânica de Rochester, alguém observou que fora uma palestra inspirada, mas que, afinal, não tratara da jornada de oito horas. Na escala seguinte, em Buffalo, repetiu os argumentos de Most, numa apresentação clara e lógica, mas que ainda não era sua. Pensou em desistir, mas recusou a derrota. Em Cleveland, última etapa, fez um discurso sarcástico contra o servilismo, capaz de levar os trabalhadores, tão rapidamente, a abandonarem os grandes ideais em troca de pequenas vitórias.

Mas, terminado o exercício de retórica, se confrontou com uma realidade bem diferente. Um velho operário, cabelos brancos, pálido, observou a impaciência dos jovens. Pensavam que 1 dólar a mais por semana, alguns minutos a menos de trabalho eram ganhos mesquinhos diante da grandeza do ideal revolucionário, mas ele, velho operário, certamente não viveria o suficiente para ver o final apoteótico do capitalismo e precisava de alguns minutos a mais na vida para poder ler um livro ou respirar ar puro.

Emma compreendeu. Antes de tudo, acreditava na liberdade do corpo para escolher o prazer, o lazer, protegido das necessidades e do trabalho obrigatório. Liberdade do pensamento para que as idéias possam florescer na sua multiplicidade, as

majoritárias, freqüentemente impostas pela mistificação do poder, e as minoritárias, testemunhas da resistência e do gênio dos indivíduos.

Há uma coerência entre esse *élan* libertário e a valorização da revolta individual. O pensamento se recusa a criar regras, a ação deve ser, como tudo na vida, um ato de vontade apaixonada.

Emma defende um anarquismo sem regras, em que a ação política nasce das necessidades particulares a cada lugar e a cada época, das exigências intelectuais e psicológicas do indivíduo. Rejeita toda disciplina militar, a maquinação parlamentar, a burocracia. O voto não é sua arma, mas a violência revolucionária, manifestação do espírito de revolta que está nas origens do indivíduo.

A lição do operário de Cleveland não só reforçou a visão humanista da política em Emma; provocou também rupturas. A discípula descobriu-se pensando diferente do mestre Most. Para a revolução, não havia receituário. Aprendeu que as relações políticas passavam, muitas vezes, pelas relações pessoais, para o bem e para o mal. A paixão de Most lançara-a na militância, a divergência afastou-a do seu ídolo, para quem a ex-discípula era duplamente traidora.

Outra descoberta importante: a vertigem do palco — “um circo em que ela era o palhaço”, “que dominava as pessoas apenas com palavras que fluíam de profundezas ignoradas”. A idéia da prática política como um desempenho, aqui esboçada, está presente na trajetória de Emma, conferencista que todas as

noites repetia no palco o ritual da conquista, a vertigem, a recompensa do aplauso.

No palco surgiu a personagem Emma Goldman e o mito de "Emma, a Vermelha", sacerdotisa dos anarquistas, sempre cercada de uma corte de admiradores/seguidores, propagandista do amor livre, da violência que ameaçava a sociedade americana.

Outros papéis lhe foram oferecidos. Most quis fazer dela uma musa inspiradora, alguns quiseram-na companheira dócil. Para os inimigos, era uma bruxa que arengava multidões pregando a revolta e desprezando a moral.

Fora do palco, era uma mulher loura, de olhos azuis, pequena e forte, que se deixava arrastar pela música tanto quanto pelas palavras. E que se orgulhava de ser excelente cozinheira. Só não quis ser mãe. Recusou submeter-se à operação que lhe permitiria engravidar, porque achava que a maternidade limitaria sua liberdade, que ela quis absoluta.

É claro que, na opinião dos biógrafos, estendeu aos amigos o seu sentimento maternal frustrado. Não imagino qual seria sua opinião sobre isso, mas presinto que certamente teria uma resposta irônica para mais essa tentativa de enquadrar o que lhe era mais próprio: a rebeldia.

Quando voltou da excursão como propagandista, Emma foi absorvida por suas novas atividades de militante. O movimento pela jornada de oito horas continuava. Em Nova Iorque, explodiu uma greve nas fábricas de confecções. A ex-costureira foi convencer

as companheiras a participarem na greve. Organizava comícios, concertos, bailes.

"Revivi. Nos bailes era uma das mais alegres e não me cansava nunca." Inevitavelmente, surgiram críticas: uma militante revolucionária se permitia dançar? — Era uma prova de frivolidade! A frívola Emma reagiu aos gritos, em plena festa! "Quero liberdade, o direito de cada um se expressar, amar as coisas belas e radiosas." O incidente terminou com caras amarradas e olhares de reprovação.

Junto com Berkman, Fedya e as duas irmãs Mink, que a haviam hospedado quando chegara a Nova Iorque, Emma formou uma comunidade. O objetivo era juntar recursos para dedicarem "à Causa", viver e trabalhar pelo "Ideal", oferecer-lhe, se necessário, a própria vida. Montaram uma cooperativa de costura, como a heroína Vera do *Que fazer?*, em New Haven. Mas a cooperativa se desfez, Emma e Sacha voltaram a Nova Iorque e juntaram-se ao grupo *Die Autonomie*, rival de Most. Novo projeto ocupou o trio Goldman-Berkman-Fedya: montaram um estúdio de fotografias em Worcester, Massachusetts. Mas a população local não parecia interessada em guardar sua imagem para a posteridade, e preferiu experimentar os dotes culinários de Emma, que passou a servir tortas e *ice-cream* num salão de chá. Os lucros se destinavam a financiar a volta de Sacha à Rússia, onde a revolução sonhada se aproximava.

Era maio de 1892. Em Homestead, perto de Pittsburgh, explodiu um conflito entre a grande

empresa metalúrgica Carnegie Steel Company e os operários organizados na *Amalgamated Association of Iron and Steel Workers*. O magnata do aço, Andrew Carnegie, colocara na direção da empresa Henry Clay Frick, um "duro especialista em repressão". Os operários pediam melhores salários, o patrão recusou-se a negociar. O conflito se estendeu. A empresa perseguia as famílias alojadas na vila operária, e convocou um corpo especial para sufocar o movimento. Houve mortes.

No salão de chá, Emma e Sacha sentiram que era chegado o momento. "O tempo das palavras terminou," disse Sacha. O país inteiro estava contra Frick e uma centelha bastaria para desencadear a revolta. Tratava-se de preparar "O ATENTADO".

O salão de chá foi fechado. Sacha viajou para Pittsburgh para preparar a ação. Precisavam dinheiro. Emma lembrou a Sonia, de *Crime e Castigo*, que salvara a família prostituindo-se. Por que não faria o mesmo? Gastou seus últimos recursos comprando sapatos de salto alto e *lingerie*. Vestiu o melhor vestido, com gola bordada, e num sábado à noite percorreu a Fourteenth Street, tentando parecer igual às outras mulheres que circulavam. Um misterioso protetor, no melhor estilo de Dostoievsky, ofereceu-lhe uma cerveja e dez dólares. Visivelmente não tinha vocação para o *métier*, mas conseguiu parte do dinheiro necessário para a compra das armas.

No sábado, 23 de julho, Sacha entrou no escritório de Frick, deu-lhe dois tiros e, vendo que não estava

morto, apunhalou-o.

Frick sobreviveu. Berkman foi preso e tornou-se a besta negra da sociedade americana. Foi o começo de um longo pesadelo. Muitos companheiros de Causa, instigados pelo jornal de Most, acreditaram que Sacha era um agente provocador. A repressão sufocou o movimento de Homestead. Na prisão, Sacha tentou suicidar-se mas sobreviveu. Num julgamento apressado, sem condições sequer de explicar os motivos de seu ato, foi condenado a 22 anos de prisão.

Se o ato de Sacha permaneceu incompreendido, a tragédia de Homestead repercutiu profundamente no movimento operário americano. Eugene Debs, então líder sindical e anos mais tarde candidato socialista à presidência dos Estados Unidos, escreveu, na época, que o exemplo de Homestead "servira para unir as organizações operárias mais estreitamente, despertando-as para os perigos que ameaçavam os trabalhadores".

O ano de 1893 trouxe o desemprego e a miséria. Debs jogou-se na tentativa de organizar sindicatos de massa, que se contrapusessem aos sindicatos de ofício, exclusivamente reivindicativos e apolíticos, da American Federation of Labor (AFL), sob a liderança de Gompers.

Mas a repressão barrou os avanços do sindicalismo de massa, quando da grande greve dos ferroviários contra o magnata dos vagões *pullmann*.

Para Emma, foi uma época difícil. Não fora formal-

mente envolvida no processo de Sacha, mas passara a ser vigiada. Teve, então, de viver num hotel de prostitutas, onde encontrou, enfim, solidariedade.

A incompreensão e os ataques contra Berkman, da parte de muitos companheiros e, especialmente, de Most, magoaram-na. Mas nunca deixou de defender o Atentado.

Não se tratava de uma escolha tática, mas da reação de alguém sensível e desesperado contra a injustiça, a desigualdade, a miséria.

"O que acontece quando um homem, refletindo intensamente sob o fermento de novos ideais, vê no horizonte a esperança, compreende que seu sofrimento e o de seus irmãos não é obra da crueldade do destino, mas da injustiça de outros seres humanos, o que acontece quando vê os que lhe são mais caros morrerem de fome, quando ele próprio morre de fome?"

Alguns seres humanos, não os menos sociáveis nem os menos sensíveis, tornam-se então violentos. É uma violência social, e não anti-social, que golpeia como e quem pode, não age individualmente mas em nome da condição humana, ultrajada, pisoteada. Comparada à violência do capital, a violência política é apenas uma gota no oceano. Inevitável ante a tirania. Tão inevitável quanto respirar.

Anos mais tarde, Emma escreveu a Sacha que gostaria de adotar as idéias de Tolstoi e Gandhi, porque sentia que, finalmente, nenhuma das formas da violência jamais tivera resultados positivos.

Nesse mesmo ano de 1893, Emma foi acusada de incitar à desordem, durante um movimento de greves. Presa e condenada a um ano de prisão, foi transferida para Blackwell's Island — onde antes estivera Most.

Era uma nova escola. Conheceu de perto a violência e a brutalidade da vida carcerária. Para fugir dela, estudou inglês, leu muito, tornou-se enfermeira. A experiência forneceu-lhe material para novas reflexões.

"A vida na prisão faz dos homens e mulheres seres anti-sociais. E as portas cerradas que os aguardam, quando são libertados, não diminuem a amargura que acumularam", escreveu mais tarde. Tinha razão Havelock Ellis: cada sociedade tem os criminosos que merece.

Um ano depois estava livre. Sacha continuava sendo o centro de suas preocupações, mas a vida continuava. A "doce companhia" de Ed Brady, um revolucionário austríaco, um cozinheiro refinado, recriava-lhe o ambiente perdido da literatura e da música. Mas o suave Ed acreditava, também, que a mulher é antes de tudo mãe e quis um filho de sua pequena Emma, uma típica mãe de corpo e de alma.

Emma resistia. A maternidade preferia a paixão pela Causa. Observara que os homens podiam ser pais sem renunciar à revolução. Mas esse não era o destino das mulheres. Anos e anos eram absorvidas pelos filhos e excluídas do resto da humanidade.

Aceitou viver com Ed, mas não abdicou nem de suas atividades de propagandista nem da nova

profissão de enfermeira.

Decidida a aperfeiçoar-se num trabalho que lhe fornecia matéria constante de reflexão sobre as mulheres, passou um ano em Viena, para conseguir um diploma.

Viena do fim do século. Lia-se Nietzsche, assistia-se às aulas do jovem Sigmund Freud. Professores falavam sobre temas estranhos, "assistidos por estranhos auditórios". Ouvia-se Wagner.

Entre deveres e aulas, Emma, aluna insaciável, dormiu pouco e absorveu tudo o que se passava. Amou Nietzsche e Freud. Encontrou, neste, uma explicação sobre os efeitos da repressão sexual no pensamento e na vida das pessoas. Isso "ajudou-me a compreender minhas próprias necessidades".

Enquanto isso, nos Estados Unidos, o anarquismo revivia. As palavras de Spies diante da força se realizavam: "Dia virá em que o nosso silêncio será mais poderoso do que as vozes que agora são sufocadas".

Emma, ao voltar, tornou-se parteira, entrava nas casas miseráveis de homens e mulheres acusados, crianças sujas e famintas. As mulheres pariam desesperadas, era seu destino.

A submissão das mulheres na família desde sempre a impressionara. Observara sua mãe, suas irmãs. Revoltara-se contra as leis de ferro que pareciam amarrar a mulher à servidão, enquanto filha, esposa e mãe. Agora, a experiência de parteira colocava-a diante das tragédias da gravidez forçada. As mulheres, cegas de desespero, impotentes, atiravam-se de

mesas, escada abaixo, rolavam pelo chão, bebiam poções asquerosas, usavam instrumentos agudos, para provocar um aborto.

Emma não conhecia métodos contraceptivos, e os médicos a quem recorria faziam-lhe discursos conservadores: "Quando as mulheres usarem mais o seu cérebro, seu aparelho reprodutor funcionará menos", diziam. Ela, ao contrário, estava convencida de que as mulheres e as crianças carregam o fardo mais pesado de um sistema econômico cruel. Por isso mesmo, não podiam ficar esperando por uma revolução social. Era preciso mudar a sua situação.

As feministas americanas chamam hoje o período entre 1830-1920 de "a primeira revolução sexual". Em 1848, a "Proclamação dos Direitos da Mulher", de Seneca Falls, marcara a revolta feminina contra a família, a Igreja e o Estado. No final do século, em busca da emancipação, as mulheres se precipitaram sobre as profissões: foram ser professoras, quase sempre solteiras e sujeitas à rigidez da moral puritana, secretárias e operárias.

Emma rejeitava "a panacéia do voto". Nem a humanidade nem as mulheres jamais chegariam à liberdade pelo voto, dizia. Servas da Igreja, do Estado e do lar, adorariam ao novo senhor — o voto —, com a mesma cegueira, o mesmo puritanismo em que haviam sido formadas e que transmitiam a seus filhos. Na sociedade, as mulheres eram servas, sua liberação só poderia vir delas próprias, no dia em que se afirmassem como seres humanos e não

como objetos sexuais — recusando a obrigação de criar filhos, enfrentando a opinião pública que as condenava ao puritanismo.

As mulheres eram servas em suas mentes, pensava Emma. De nada adiantaria a emancipação política, nem mesmo a igualdade econômica, se não rompessem com essa servidão ideológica que a sociedade lhes impunha. Por medo, continuariam solitárias numa falsa libertação profissional, afastadas dos homens, nostálgicas de um marido e muitos filhos.

O ceticismo, quanto aos efeitos do voto e de todas as medidas legais e formais de igualdade, era próprio ao pensamento anarquista. Essa posição permitiu a Emma, como observa Alix Shulman, distinguir a diferença entre a liberação das mulheres e os direitos das mulheres. Essa não é uma distinção freqüente no feminismo, muito menos na época em que ela viveu. Emma foi muitas vezes criticada pelas feministas, acusada de ser mulher "com cabeça de homem", inimiga da liberdade feminina, tudo isso porque desconfiava dos efeitos libertários do voto ou da igualdade de direitos, e dava ênfase aos "tiranos internos" da servidão feminina: a ideologia e a opressão sexual.

A história deu-lhe, em parte, razão. Se hoje, passados quase 50 anos das primeiras conquistas do direito ao voto e à igualdade jurídica, vamos às urnas, quando nos permitem, a igualdade para a maioria das mulheres é ainda um direito formal. A opressão na família, no trabalho, na sociedade

encontrou novas formas, talvez um pouco menos chocantes mas igualmente eficazes, violentas e humilhantes.

O feminismo de Emma parece muito atual, na medida em que rejeita a armadilha de restringir a opressão das mulheres a uma questão de Estado, e ataca seus fundamentos nas práticas da sociedade, na sexualidade como na divisão do trabalho e na reprodução familiar. Analisa a opressão feminina a partir da questão sexual — "a principal arma da sociedade contra as mulheres" —, pois, na medida em que são reprimidas na sua sexualidade, educadas para o casamento mas não para o amor, as mulheres se fazem escravas.

Nela própria, a lembrança das primeiras sensações de prazer se confundiam com a repressão: o campo-nês que tocava flauta e a carregava nos braços foi despedido pela família; a mãe, quando a encontrou tocando-se, esbofeteou-a; quando lhe vieram as primeiras regras, aos 11 anos, recebeu novamente uma bofetada, "que toda menina necessita ao se tornar mulher para se proteger da desgraça".

O casamento era apenas um arranjo econômico, um seguro de vida que nada tinha a ver com o amor — que desabrochava entre dois seres livres, sem necessidade de rabinos ou sacerdotes. Legalizava as mulheres como um objeto sexual, parasitas, prisioneiras do hábito e do conformismo, mantendo-as em completa ignorância sobre seu único atributo na competição social, o sexo. E "grande parte da

infelicidade, da miséria, do sofrimento no casamento deve-se à ignorância criminosa sobre os temas sexuais, mistificadamente transformada em grande virtude".

A vida na família que conhecera, o seu casamento juvenil haviam sido marcados por essa miséria, pela violência que denunciava. Vira a mãe, as irmãs e a si própria como seres mutilados. Isso a convencera da necessidade de romper com a opressão sexual, para que uma verdadeira igualdade, sem conquistadores nem conquistadas, pudesse se estabelecer entre os sexos.

O tema era polêmico e Emma não hesitou em confrontar-se com seu mestre mais amado. Em Paris, de passagem para Viena, discutiu com Kropotkin, que defendia outra posição: "Quando a mulher for igual ao homem intelectualmente, partilhando seus ideais sociais, será tão livre quanto eles". A resposta de Emma foi de que esse era o argumento de um velho, para quem a sexualidade não mais se colocava. Kropotkin ficou abalado.

Mas mesmo enfrentando resistências, a questão sexual encontrou espaço privilegiado na imprensa anarquista, nas suas experiências de vida em comunidade, nas teorias sobre uma educação libertária.

Emma, por seu turno, continuou derrubando barreiras. Investiu contra o puritanismo, que tentava impor às mulheres uma "castidade artificial à natureza", que "provavelmente provocava a desigualdade mental dos sexos". Por que apenas as mulheres eram

punidas quando ficavam grávidas, quando cometiam adultério, quando praticavam a prostituição? Sob pretextos vários, é sempre uma mesma punição contra o exercício da sexualidade feminina, estabelecida pela moral puritana.

Insistia em que a prostituição não era apenas uma consequência da miséria econômica, mas também da moral sexual, que excluía as mulheres da vida sexual e do prazer, objetalizando o sexo na prostituta. Entre o casamento e a prostituição, dizia, há apenas uma diferença de grau: no primeiro, a mulher que se vende a um homem, na segunda, a vários. Em ambos, ela utiliza esse atributo único que a identifica: o sexo.

Por outro lado, as consequências do puritanismo sobre as mulheres vão mais longe do que o moralismo. Tecem as malhas de um pensamento conservador, alimentado por superstições religiosas, pelo medo de cair na desgraça da opinião pública.

Sua conclusão era clara: tradições seculares não são varridas por reformas superficiais. Por isso mesmo, "o direito ao voto ou à igualdade civil podem ser reivindicações justas, mas a verdadeira emancipação não começa na cabine de voto nem nos tribunais. Começa na cabeça de cada mulher. A história nos ensina que toda classe oprimida só se liberta de seus senhores por suas próprias forças. É preciso que as mulheres aprendam essa lição, que compreendam que os limites para sua liberdade estão nas suas forças. Daí por que é muito mais importante começar em

si própria, libertando-se do peso dos preconceitos e das normas seculares".

Modificar a cabeça das mulheres queria dizer, para Emma, rejeitar o casamento e a maternidade como destino, escolher a liberdade no amor e no prazer, "viver sua vida". São os seus temas o amor livre — escolher o companheiro(a) sem necessitar de injunções religiosas ou familiares —, o casamento — forma de opressão —, a maternidade livre, escolhida. *A tragédia da emancipação feminina* é o título de um dos seus artigos.

Sem se proclamar feminista, Emma forneceu pistas para problemas que até hoje nos desafiam. Se, por um lado, são as contradições concretas da vida quotidiana que reproduzem a servidão feminina, por outro, é o medo de derrubá-las e o tabu que as envolve que a reforça. Não são apenas barreiras isoladas. Ligam-se umas às outras e tecem a teia em que nos debatemos. A dupla jornada de trabalho não desapareceu com a independência econômica; a dependência afetiva e sexual persiste mais além do casamento.

"Devo escolher que está certo, a sociedade ou eu", diz Nora, a heroína de Ibsen em *Casa de Bonecas* — drama que Emma muito amou. Não há respostas prontas. Apenas fechar a porta da gaiola dourada e sair pelo mundo experimentar a liberdade, é a conclusão de Emma.

EMMA, A VERMELHA, NA ERA PROGRESSISTA

"Em 1902, Teddy Roosevelt ocupava a presidência e o patriotismo era um sólido sentimento. Em Nova Iorque, navios desembarcavam migrantes vindos da Itália e do Leste da Europa. Enveredavam pelas ruas, eram absorvidos pelos cortiços, não se sabia como. Os nova-iorquinos desprezavam-nos. Eram sujos e analfabetos. Cheiravam a peixe e alho. Ostentavam feridas abertas. Não tinham amor-próprio e trabalhavam por quase nada. Roubavam. Bebiavam. Violentavam as próprias filhas."

"A população costumava reunir-se maciçamente ao ar livre para concertos públicos, paradas, peixadas, piqueniques polfíticos, passeios, ou então dentro de casa, em salões, teatros de variedades, óperas, bailes. Parecia não existir lazer que excluísse enxames de pessoas. Trens, vapores e bondes transportavam-nas de um lugar para outro.

Era moda, era assim que se vivia. As mulheres eram mais robustas então. Visitavam a armada empunhando guarda-sóis brancos. Todo mundo andava de branco no verão."

(E. L. Doctorow, *Ragtime*)

Era o novo século. O anarquismo renascia e Emma atravessava o país expondo suas idéias sobre o amor livre, a homossexualidade, o voto feminino, o casamento, a escola moderna, o drama.

Em Detroit, fez uma palestra a convite de um pastor. Prudente, tentou restringir-se aos fundamentos econômicos do anarquismo. Mas as perguntas foram provocadoras: acreditava em Deus, defendia o amor livre? "— Não acredito em Deus, porque acredito no homem. Quaisquer que sejam seus erros, os homens estão há milênios remendando o trabalho malfeito do Deus de vocês."

"— Blasfêmia, herética, pecadora." Armou-se um pandemônio na sala e na comunidade. E o pastor renunciou a seu púlpito, para ir trabalhar numa cidade mineira. De alguma forma, a convidada pecadora convencerá o ministro de Deus.

Entre viagens e discursos, as relações de Emma com Ed Brady eram difíceis. Ed continuava sonhando com uma Emma caseira e dedicada à maternidade. Emma vivia num turbilhão, onde se sucediam "os misteriosos sons da noite e as dissonâncias da luz do dia". Ao mesmo tempo, uma parte sua permanecia encarcerada com Sacha, que como um fantasma irrompia freqüentemente nos seus sonhos e na sua vida.

Mas no palco e para a imprensa só existia "Emma, a Vermelha", a "Rainha dos Anarquistas", uma espécie de bruxa sanguinária, louca e demoníaca, cujos olhos lançavam chamas e a boca cuspiu fogo. Ocasionalmente, um jornalista honesto observava: "Miss Goldman não tem a aparência corrompida que lhe atribuem. Ninguém a imaginaria preparando bombas ou fazendo discursos incendiários. Parece mais uma professora, imbuída de suas convicções. Quando fala, seu rosto se ilumina de inteligência entusiasmo".

Mas nem todos pensavam assim. Pouco tempo depois, em setembro de 1901, um homem atirou no presidente McKinley, em Buffalo. Tinha ligações com o anarquismo e Emma foi apontada como mandante do crime. Nova onda de repressão e histeria abateu-se sobre os radicais; Emma foi presa. O assassino, Leon Gzolgoy, era apenas um adolescente solitário e desajustado, quase um marginal. Frequentara os círculos anarquistas, assistira a uma palestra de Emma e pedira-lhe conselhos de leituras. Seu comportamento provocara suspeitas, Emma saíra em sua defesa. Diante da tragédia, a análise de Emma era a mesma com que sempre compreendera a violência política — um ato de desespero de alguém marcado pela injustiça, estigmatizado como espião, contra um símbolo do poder e da reação.

Nada foi provado contra Emma, que depois de um mês na prisão foi libertada. Convencida de que Gzolgoy não a incriminara, tentou uma campanha contra

sua execução. Inutilmente. Gzolgoy foi executado e Emma, constantemente vigiada, viu-se novamente forçada ao anonimato. A "Rainha dos Anarquistas" se metamorfoseou em Miss E. G. Smith, enfermeira eficiente.

A perda da identidade coincidia com o desejo de retirar-se, de se reconstruir.

1905. A primavera da revolução russa provocava o delírio entre os radicais do East Side. Nos comícios, nos cafés abarrotados, as diferenças políticas eram esquecidas e a imigração russa preparava-se. Muitos revolucionários passavam pela América em busca de solidariedade. Miss E. G. Smith transformou-se em empresária da *troupe* de Orleneff. Afinal, o teatro era uma de suas paixões. Esse foi, também, o ponto de partida para a realização de seu velho sonho — uma revista. Foi lançada no dia 1º de março de 1906, tinha 64 páginas e se chamava *Mother Earth*.

Um ano depois, Alexandr Berkman foi solto. Ficara 14 anos preso e ela pudera vê-lo apenas duas vezes. Na plataforma, Emma viu surgir um estranho, o rosto de uma palidez mortal, óculos grossos, as roupas grandes, sobrando, patético.

A ressurreição de Berkman foi lenta e dolorosa. Saído de um mundo imóvel, transformara-se num espectro. Tudo lhe era estranho. Também aquela mulher, eternamente rodeada de amigos e admiradores, num salão mundano onde se falava de arte,

literatura, ciência e filosofia num tom superficial, falsamente tolerante, cnicamente pessimista.

Nem Sacha reencontrou sua pequena marinheira, nem Emma o revolucionário puro e duro do amor aos 20 anos. Mas foram fiéis às suas lembranças e aos ideais comuns.

Logo estavam envolvidos pelas crises sociais dos anos 1907-08. Milhares de trabalhadores nas grandes cidades mergulharam na miséria. As autoridades, em vez de buscarem meios para alimentar os famintos, reprimiram até mesmo as intenções de discutir as causas da crise.

O movimento sindical sobrevivia enfraquecido pelo sindicalismo corporativista. Em Chicago, 1905, reuniram-se, então, sindicalistas de várias origens, decididos a construir um sindicalismo de massas, capaz de defender os interesses de todos os trabalhadores. Fundava-se uma nova organização, a *IWW — Industrial Workers of the World*. Dela faziam parte figuras lendárias: William Haywood, dirigente de um sindicato mineiro, Mother Jones, também mineira que se formara entre os *Knight of Labor*, e o socialista Daniel de Leon.

O manifesto de fundação da *IWW* denunciava o sindicalismo de ofício, a burocracia e a colaboração de classes, e propunha "um sindicalismo de massas, construído na base da solidariedade operária na luta de classes".

Os sindicalistas — *wobblies*, liderados por Bill Haywood, fizeram da *IWW* uma minoria ativa, uma

equipe volante que apoiava cada nova luta surgida, organizava os trabalhadores não-qualificados, especialmente os trabalhadores rurais migrantes — os *hoboes*.

Em todo o país, a IWW organizou as lutas pela “liberdade de expressão”, as *free speech fights*. Emma e o grupo *Mother Earth* estavam próximos a Haywood, que ela apreciava particularmente. Não é um anarquista — costumava dizer —, mas não é sectário. Ela respeitava, também, Elizabeth Gurley Flynn, uma das primeiras revolucionárias americanas de origem proletária.

As greves em Lawrence, Massachusets, e em Paterson, New Jersey, sacudiram a intelectualidade radical.

Um jovem jornalista, John Reed, escreveu: “Em Paterson é a guerra. Uma guerra bizarra. A violência vem apenas de um lado, dos patrões das fábricas. Seus empregados, seus policiais espancam homens e mulheres indefesos e atropelam a cavalo as massas, que permanecem respeitosamente nos limites legais”.

Os avanços do movimento operário reforçavam a idéia de progresso, de evolução, que se generalizava. Progresso era tudo: desde a formação da consciência operária, a revolução produtiva, até Henry Ford.

Era o tempo da Nova Poesia, do Novo Drama, das peças de Eugene O’Neill, da Nova Arquitetura de Frank Lloyd Wright, e também da Nova Mulher.

Em Nova Iorque e no Village, centro iluminador da modernidade, havia três símbolos dessa Nova Mulher, diz Richard Drinnon. Eram Isadora Duncan,

dançarina da espontaneidade, Mabel Dodge, cujo salão reunia toda a boêmia do Village, e Emma Goldman, a Vermelha.

A redação de *Mother Earth* era um centro de agitação intelectual e feminista. Emma organizava ocasionalmente “Festas Vermelhas” para portadores de sangue vermelho e revolucionário, dispostos a esquecer por alguns momentos crimes e injustiças e dançar em torno a uma mesa de tortas e doces, um samovar russo. E valsava fantasiada de freira.

Na opinião de Mabel Dodge, companheira de John Reed, Emma Goldman mais parecia uma professora simpática, servindo chá e bolos aos amigos na redação.

Mas era também uma mulher escandalosa: fumava em público, sendo às vezes, por isso, convidada a retirar-se de restaurantes; freqüentava bares e criticava abertamente o uso de espartilhos — que sufocavam o corpo das mulheres. E, é claro, defendia o amor livre.

Para a boêmia radical do Village, esses eram hábitos e temas quotidianos. Hostil aos valores morais do puritanismo e à ideologia do *business*, os jovens rebeldes, como John Reed, tornaram-se testemunhas das lutas sociais no país, da revolução mexicana. Em 1911, surgiu o jornal *The Masses*, uma das mais interessantes manifestações da cultura radical da era progressista. Espelhava a efervescência intelectual que dominava os radicais: marxismo, anarquismo, sindicalismo, revolução, controle da natalidade, amor

livre, cubismo, Freud, Nietzsche, futurismo e terrorismo. Tudo cabia no visual arrojado do jornal.

Em 1912, o clima de otimismo se viu reforçado pela significativa votação de Eugene Debs, como candidato do Socialist Party à presidência dos Estados Unidos. O socialismo parecia estar no horizonte.

Na verdade, o sentido da história era outro. A votação de Debs significava muito mais o fim das lutas sociais do século XIX. Pouco depois, diante do militarismo e do patriotismo desencadeados pela guerra, o radicalismo americano sofria sua grande derrota.

Mas, no fulgor do radicalismo, Emma Goldman encontrava novos auditórios entre aqueles que ela chamava de a "boêmia respeitável". E *Mother Earth*, sob a direção de Sacha, desempenhava um papel importante como jornal de agitação, apesar da falta de senso de humor, criticada por Max Eastman, editor de *The Masses*.

Emma continuava suas conferências através do país. Numa delas, em Chicago, conheceu o dr. Ben L. Reitman, um médico excêntrico e de reputação duvidosa, rei dos *hoboes*.

Emma também o descreveu: "Uma figura exótica e pitoresca, com um imenso chapéu de *cowboy*, cabelos negros e crespos, que evidentemente há muito não eram lavados, olhos castanhos, grandes e sonhadores".

Inevitavelmente, tornaram-se amantes: o rei dos *hoboes* e a rainha dos anarquistas. Contada assim, a



Ben Reitman.

história parece um romance de circo, visto à distância, ao som de um *raggy*. Foi realmente uma grande paixão, nas palavras de Emma: "Você amou-me como mulher, rompeu as grades que aprisionavam minha feminilidade, fez explodir toda a paixão contida e reprimida em mim, violenta e infinita como o mar".

Alguns biógrafos de Emma Goldman passam rapidamente sobre o tema. Não assim as biógrafas, especialmente as feministas. Emma foi praticamente redescoberta nos anos 70, assim como suas memórias e artigos, publicados em *Mother Earth*, e a vasta correspondência com amigos, Sacha e com Ben Reitman. Essas cartas desvendam uma história de amor que se confunde com o conflito clássico entre a paixão e a imagem da militante. Ben foi o amor maldito, que fez aflorar as sensações mais profundas, dilaceradas às vezes, outras vezes riosas: "Despeje a sua preciosa essência de vida dentro da minha e deixe-me esquecer, que eu não tenho nem lar, nem país. Se tenho você, tenho o Mundo. Que mais desejar? ... Se ao menos pudesse me enrolar ao redor desse seu corpo, se ao menos pudesse beber da *fonte da vida*. Céus, mas hei de beber cada gota do suco de W. Querido amado meu bem, agüente o desejo mais 4 dias apenas, e então, e então! Só de pensar, fico tonta. Às vezes isso me apavora, mas me fascina tanto, um fascínio tão embriagador ... Há luar agora, e estou planejando a orgia mais assombrosa de nossa vida. Se penso nela por muito

mais tempo, algo vai acontecer à c-t. E eu preferiria que não, já que ela vai ter de ficar esfomeada. Mas a imaginação faz estragos dentro de mim. Cada nervo está tenso, minha c-, quente e queimando com o desejo de se esfregar em W. para cima e para baixo, para cima e para baixo. Minhas m- gritam de prazer, e o cérebro arde em chamas. Quero f- você ... Ben Reitman, você é meu tesouro precioso, minha alegria, o êxtase de minha vida. Espero por você cheia de amor e paixão. Venha. *Mamãe*".*

Ao mesmo tempo, descobria os conflitos da relação amorosa — os tiranos internos da servidão que ela mesma apontara, o ciúme, o desejo de proteção.

"Vagabundo querido. Que pequenino você é, tão ingênuo, tão que nem uma criança. Realmente não deveria me zangar com você. Se ao menos não tivesse despertado a mulher em mim, a selvagem mulher primitiva, que anseia pelo amor e carinho do homem acima de tudo o mais no mundo. Tenho um grande e profundo instinto materno por você, meu bebê querido, esse instinto tem sido o lado redentor de nossa relação ... Mas meu amor maternal é apenas uma parte de meu ser, as outras 99 partes são da mulher, a intensa, apaixonada e selvagem mulher, a quem você deu vida como nenhum outro antes de você. Acho

* Nas suas cartas, Emma e Reitman usavam um código não de todo incomum no discurso erótico vitoriano — "caixa do tesouro" ou "c-t", "montanhas" ou "m-", "pétalas da rosa", a "fonte da vida", "Willie" e assim por diante.

que aí se encontra a chave de nosso sofrimento e também de nossa grande felicidade, por mais rara que seja. Amo você com uma loucura que não conhece limites, nem desculpas, nem rivais, nem paciência, nem lógica. Quero seu amor, sua paixão, sua devoção, seu carinho. Quero ser o centro de seus pensamentos, de sua vida, de cada um de seus segundos. Qualquer coisa que afasta você de mim, mesmo que por um momento, me deixa louca e torna a minha vida um perfeito inferno. É porque amo você tanto que anseio pelo seu carinho. Quero realmente que cuide de mim. Ninguém jamais cuidou, como sabe. Sempre tomei conta dos outros e fiz tudo por eles. Nunca quis que ninguém tomasse conta de mim. Mas com você desejo isso, oh tão intensamente. . . Estive pensando que há algo mais profundo no fato de uma mulher se agarrar ao homem que ama. É o sentimento confortador de segurança, de se ter alguma pessoa que encontra prazer em fazer você feliz e não julga nenhum esforço por você difícil demais. Nunca senti falta disso, nunca me importei com isso, nunca imaginei que pudesse vir a ter necessidade disso, até que você entrou na minha vida, até que despertou esse lado da minha natureza, esse lado da minha psicologia. Olhe, meu precioso, você deu vida a uma força que não sabe como manejar, como enfrentar, daí os conflitos, daí a falta de harmonia e paz."

Num artigo — *Emma Goldman in Love* —, Alix Wexler observa as dificuldades de Emma, defensora do amor livre, que denunciara sempre a monogamia obrigatória e o ciúme como uma sobrevivência

arcaica do casamento burguês, ao se confrontar com as freqüentes infidelidades de Reitman: "ferida, atormentada pelo ciúme, ao mesmo tempo furiosa com Ben e consigo mesma por abandonar-se à raiva e ao ciúme". Fora capaz de seguir Reitman como um cachorro, dizia, enquanto ele perseguia uma mulher. Depois, escreveu-lhe longas cartas onde lamentava-lhe a crueldade. "Meu trabalho, meus princípios nunca permitirão fazer algo que me envergonhe diante de mim mesma. Devo permanecer forte, mesmo se destroçar meu coração, mas prefiro nunca mais vê-lo do que passar novamente pela experiência de ontem."

Emma sempre se distanciara das ilusões sufragistas, assim como da hostilidade que transparecia muitas vezes no discurso da emancipação feminina. Insistia em que "se a emancipação parcial evoluir para uma emancipação completa e verdadeira da mulher, deverá afastar a idéia ridícula de que a mulher que é amada, que é mãe, é sinônimo de escrava e subordinada". Mas, ao mesmo tempo, sentia que os limites entre a relação amorosa e a relação possessiva são fluidos, inconstantes e exigem estar permanentemente em guarda.

Anos mais tarde, escreveu: "A luta para manter minha própria individualidade e liberdade foi sempre mais importante para mim do que o mais selvagem dos amores". Estava provavelmente pensando em Ben Reitman. Mas a frase já soa como o resultado de um ajuste de contas em que desapareceram os sentimentos quotidianos, as emoções, e em que

ficaram só as conclusões.

O que é atual e visionário em Emma, no entanto, está nessa negativa em absolutizar as conquistas da igualdade legal, da "emancipação", e reconhecer as contradições da liberação. Aprendemos, de nossas mães, que o destino das mulheres é amar e sofrer, e, tratando de romper com o destino, reencontramos uma nova servidão. É a trajetória de gerações de mulheres que, muito depois de Emma, se lançaram no desafio da igualdade, dos tiranos internos que nos exigem esse permanente estar em guarda e auto (re)construir a cada passo.

Ambígua e atormentada, a relação de Emma e Reitman prolongou-se por quase 10 anos. As diferenças se acumulavam: os amigos de Emma desgostavam de Ben, que, por sua vez, declarava que a única mulher a quem seria eternamente fiel era sua mãe. Tentaram viver juntos, os três. Obviamente, a experiência fracassou.

Alix Wexler observa que Ben sempre chamou Emma de mamãe — *Mommy* — e que ela assinava assim suas cartas e o chamava de *Baby boy* — a relação maternal teria sido um traço marcante entre os dois, "apenas uma parte entre outras 99", dizia Emma.

Em 1916, depois de rupturas e reencontros, Ben afastou-se definitivamente da vida de Emma, casou-se e instalou-se em Chicago. "Fui seduzido pelo desejo de todo homem comum de ter uma casa, uma mulher e um filho." Para Emma, os dois últimos anos haviam sido amargos. Aproveitou o isolamento da prisão, a

que fora recolhida, para enfrentar-se com seus sonhos românticos de eterno êxtase e o que lhe parecia miserável e indigno naquele amor. Ben havia dedicado anos de sua vida a ela, invertendo a tradição de que as mulheres sacrificassem seu talento e criatividade ao homem amado. Eram de um mesmo mundo erótico, mas estavam culturalmente separados. Na solidão da cela, feitas as contas, não restou nem amor nem ódio, apenas um sentimento fraternal.

Foi também nesse começo de século louco e agitado que Emma desenvolveu uma intensa luta pela maternidade livre. Ela própria escolhera não ter filhos. Sabia que por ter o útero retrovertido necessitava de uma operação cirúrgica para engravidar. Muitas vezes sofrera pressões nesse sentido: de Ed, como antes de Most, de Ben Reitman. Nunca quis ser mãe, porque acreditava que a maternidade a obrigaria a modificar sua vida, a abdicar de sua liberdade. A maternidade lhe parecia como uma força cega e surda que gastava a força e a juventude das mulheres, e fazia delas, na velhice, um fardo para si próprias e para seus filhos.

A impressão que a maternidade lhe deixara começara na vida em família, no sofrimento de sua mãe, que se consumira em partos sucessivos e indesejados. Encontrara a mesma cena quando, enfermeira e parteira, via as mulheres desesperadas tentando abortar ou revoltadas no momento do parto, maldizendo a triste sina.

Para ela, a maternidade era muito menos a relação

mãe-filho do que a carga social que vem embutida e disfarçada no "instinto maternal" — cuidadosamente preparado pela ideologia da dedicação, da resignação e do sacrifício inerente às alegrias da maternidade.

Em 1900, de passagem por Paris, Emma assistiu entusiasmada ao primeiro congresso neomalthusiano, e tratou de informar-se sobre métodos contraceptivos. Mais tarde, incorporou o tema em suas palestras e, quando a campanha pelo *Birth Control* foi desencadeada, participou dela intensamente, junto com Ben Reitman.

Em 1913, Margaret Sanger, uma socialista, interessara-se pelo tema na Europa e publicara uma revista, *Woman Rebel*, e um panfleto sobre o planejamento da família. Começou assim o movimento. Quando Sanger foi presa, Emma solidarizou-se com ela. Suas conferências, sobre "O controle da natalidade" e "O direito da criança a não nascer", despertavam muito interesse nas grandes cidades da costa Leste. Segundo ela, o auditório masculino era sério e atento, mas as mulheres eram impossíveis. Davam risadinhas, cochichavam e fingiam estar chocadas...

Logo chegou a vez de Emma e Ben serem presos e julgados. Emma teve então oportunidade de expor suas idéias. Influenciada por Malthus, denunciou a crescente desigualdade social entre ricos e pobres, como consequência não do esgotamento dos recursos naturais, mas do capitalismo monopolizador da

riqueza. Numa sociedade de escravos, as mulheres e as crianças são as principais vítimas. "Durante séculos (as mulheres) permaneceram ajoelhadas no altar do dever, diante de Deus, do Capitalismo, do Estado e da Moral. Hoje, despertam do seu longo sono e negam-se ao crime de pôr no mundo crianças que serão esmagadas pelo capitalismo." A maternidade forçada é uma escravidão imposta às mulheres, disse Emma, leva-as a reprimirem sua sexualidade para evitarem filhos, torna-as frias pelo terror à gravidez, exaure suas forças nos partos sucessivos. Por isso, o direito de escolha deveria ser, para a mulher e para a humanidade, uma conquista social.

Os argumentos de Emma diferem dos de Malthus. Sua preocupação é muito mais com as conseqüências da maternidade forçada sobre as mulheres, a denúncia da hipocrisia que defende a maternidade mas a estigmatiza fora do casamento e discrimina as mães no mercado de trabalho.

Nesse tema, também ela aparece como visionária. Entendeu a importância para as mulheres do direito de escolher a maternidade, sem transformá-lo numa panacéia para todos os problemas sociais.

Logo, uma nova luta a envolveu. Em 1917, a entrada dos Estados Unidos na guerra desencadeou uma onda patriótica e militarista no país. O exercício da violência do Estado contra o indivíduo não poderia deixar Emma impassível; ela e Berkman participaram do movimento contra o alistamento militar. Foram novamente presos, julgados e libertados sob fiança,

mas o clima "antivermelho," alimentado pela vitória da revolução na Rússia, dominava os Estados Unidos. O governo preparava a deportação dos *Reds*, e Emma Goldman e Alexandr Berkman eram dois dos mais perigosos anarquistas do país, segundo J. Edgar Hoover e o FBI.

Como Emma observara em 1917, o militarismo e a reação se expandiram na Europa e nos Estados Unidos. O fantasma ameaçador da revolução russa rondava; as greves, os atentados terroristas serviram de pretexto para o *medo vermelho*. Emma Goldman e Berkman foram então enquadrados entre os 60 000 estrangeiros que ameaçavam a paz americana. Montou-se um processo. Documentos alterados invocaram a participação de Emma no atentado contra McKinley e o passado terrorista de Berkman. Emma e Sacha, cidadãos do mundo, não eram cidadãos americanos. Junto com 247 outros anarquistas, foram embarcados no velho navio de guerra Buford, na madrugada de 21 de dezembro de 1919, com destino à Rússia.

"(...) E a essa altura, o *ragtime* esgotara-se com o pesado arquejar da máquina, como se a história não passasse de uma canção tocada numa pianola. Lutamos na guerra e vencemos. A anarquista Emma Goldman foi deportada."

(E. L. Doctorow, *Ragtime*)

RÚSSIA 1920/ESPANHA 1938: MEMÓRIAS DE TEMPOS SEM PERDÃO

"Penetrávamos num mundo mortalmente gelado. A estação da Finlândia vazia, sob os reflexos da neve. A praça de onde Lenin falara à multidão do alto de um carro blindado era um deserto branco, rodeado de casas mortas. Parecia uma cidade abandonada. As largas avenidas, as pontes sobre o Neva, rio de gelo, coberto pela neve. Esparsos, um magro soldado de capote cinzento, uma mulher transida sob um xale passavam como espectros no silêncio do esquecimento. Na direção do centro havia uma animação suave e fantasmagórica. Trenós puxados por cavalos famintos deslizavam lentamente na brancura. Quase não havia automóveis. Só raros transeuntes de rosto lívido." (Victor Serge, *Mémoires d'un Révolutionnaire*)

"Venho servi-la, Matushka Rossya, terra sagrada. Povo mágico, símbolo da esperança humana. Permita-

me penetrar no seu seio, misturar meu sangue, encontrar meu lugar nessa luta heróica."

A cidade branca e glacial recebeu os filhos pródigos com calor, música e lágrimas. A esperança renasceu.

Instalada no lendário hotel Astória, em Petrogrado, quartel-general dos revolucionários de todo o mundo, Emma Goldman foi pouco a pouco descobrindo as grandezas e misérias da grande revolução.

Foi uma lenta e dolorosa descoberta. John Reed, o sempre charmoso e entusiasmado Jack, que mais do que ela própria se formara nos sonhos da boêmia radical, dizia, realista, que Emma só conhecia o lado teórico da revolução. Agora vivia a revolução real, contemporânea de si mesma. A imagem libertária da sociedade natural tinha pouco a ver com a guerra civil, a sabotagem, a fome. Mas também era lícito pensar que os caminhos escolhidos para enfrentar problemas tão graves e profundos não eram os melhores: "34 tipos diferentes de ração sob a igualdade comunista!". A *Cheka*, polícia política, assassinava anarquistas e socialistas revolucionários como se fossem inimigos da Revolução. Tudo em nome da ditadura do Proletariado.

Emma escrevia: "Como um coelho numa gaiola, eu me debato contra as grades, prisioneira de contradições terríveis".

Se a revolução sonhada significava fome e miséria, ambições mesquinhas e vingança, indiferença pela vida e pelo sofrimento humano, não era mais a revolução, mas um imenso crime cometido em

seu nome.

Emma e Sacha tentaram inserir-se na sociedade soviética em construção e trabalhar. Emma ofereceu-se como enfermeira ou como educadora junto ao comissário de Cultura, Lunatcharsky. Em vão.

O depoimento de Angelica Balabanova, a quem procurou então, testemunha sua angústia. "Quando veio me encontrar", escreveu Angelica, "ainda que desgostosa e indignada, não perdera a fé na revolução, mas apenas começara a falar, explodira em lágrimas".

Balabanova partilhava as mesmas inquietações, mas tratava de compreender as distorções do processo revolucionário como efeitos passageiros das dificuldades impostas pela grandeza da revolução. Confiava ainda em Lenin e estava certa de que ele reconheceria o trabalho de Emma e Berkman, que ele seria capaz de explicar as intenções escondidas na realidade confusa. Tratou de promover um encontro entre Emma, Sacha e Wladimir Ilitch.

Foi uma estranha aventura através dos gélidos e suntuosos corredores e salões do Kremlin, até a presença de um par de olhos penetrantes e infinitamente curiosos, atrás de uma simples e meticulosamente ordenada escrivaninha. Lenin elogiou os verdadeiros anarquistas e explicou a luta mortal da ditadura do proletariado pela sobrevida da revolução e a necessidade de apoio internacional. Os escrúpulos de Emma quanto à repressão e à onipresença da *Cheka* e o centralismo pareciam-lhe sentimentalismo burguês. Era preciso trabalhar para

recuperar o equilíbrio revolucionário, aconselhou.

A entrevista convenceu-a de que nada do que se passava escapava aos olhos implacáveis de Lenin, reforçando suas dúvidas sobre a correção dos métodos bolcheviques.

Emma e Berkman percorrem então as fábricas e escolas de Moscou, servindo de intérpretes para visitantes estrangeiros. As fábricas estavam em péssimo estado, semiparalisadas; em sua maioria, eram os membros do partido que constituíam a direção: "os trabalhadores mostravam-se descontentes com a arrogância e os métodos arbitrários da burocracia". Decidiram então deixar Moscou.

De volta a Petrogrado, Emma e Sacha receberam a incumbência de organizar uma caravana para coletar documentos para o Museu da Revolução, através de toda a Rússia. Prepararam com entusiasmo a viagem, num trem especialmente equipado, com alguns companheiros de trabalho, *visas* e licenças para ter acesso às autoridades locais.

A viagem à Rússia profunda proporcionou-lhe uma visão mais rica e complexa da revolução. Os caminhos revolucionários eram muitas vezes diferentes e originais. Nas províncias onde as lideranças locais haviam conseguido se organizar no poder, havia mais liberdade, menos sabotagem e a população vivia melhor. Na Ucrânia, encontraram cidades inteiras traumatizadas pelos *pogroms* dos generais brancos: mulheres violadas, velhos torturados e mortos diante das crianças. Os bolcheviques haviam restabelecido a

paz e nas sinagogas rezava-se por Lenin.

Em Kiev, Emma encontrou Gallina, companheira de Nestor Makhno, guerrilheiro anarquista que liderava um grupo de camponeses. Makhno propunha simular um rapto de Emma e Berkman para enviar, através deles, uma mensagem explicando seu programa para a revolução e as críticas ao regime bolchevique. Mas, além da simpatia pelo anarquista Makhno, Emma e Sacha julgaram ainda não ser o momento para romper com os bolcheviques. Intelectualmente, discordavam dos métodos da ditadura do proletariado mas, emocionalmente, se sentiam ainda ligados à revolução bolchevique.

O trem da memória chegou ao Norte. Lá havia igualdade, a especulação fora evitada distribuindo-se rações justas para todos. Oficiais brancos e freiras colaboravam nas escolas e hospitais. As instituições funcionavam. Em outras regiões, a presença da *Cheka*, a centralização exagerada, o mercado negro e a fome compunham o quadro revolucionário.

Nesse final do ano de 1920, a desesperança parecia ter se apoderado de Emma. Apenas um ano antes, a bordo do Buford, apesar do frio e dos perigos, haviam sonhado com *Matushka Rossya*. Era novamente Natal. No trem que atravessava a Rússia soviética, ela sentia-se deixando para trás as cinzas de seus sonhos ardentes.

1920 foi um ano difícil em Moscou e Petrogrado. John Reed, o radioso porta-voz dos novos tempos, morrera de tifo voltando de Baku, aos 32 anos.

Com ele pareciam extinguir-se o charme e o brilho da revolução. O frio e a fome assolavam o país. A *Cheka* perseguia os anarquistas. Todos eram suspeitos. Foi quando morreu Kropotkin. Emma e Sacha, junto com outros anarquistas, organizaram seu enterro. Não haveria honrarias oficiais. Nas prisões, anarquistas fizeram greve de fome pedindo para assistir aos funerais do mestre. A *Cheka* respondeu que não havia anarquistas presos em Moscou. Mesmo assim, a alguns foi permitido sair da prisão e acompanhar a cerimônia.

Um longo cortejo atravessou Moscou. Parou duas vezes: diante do Museu Tolstói e da prisão de Butirky. Pela última vez, as bandeiras negras anarquistas apareciam em público. No cemitério, Emma despediu-se do mestre.

Nesses meses, Petrogrado foi sacudida por rumores de greves. A atmosfera estava pesada, faltava comida, habitação, aquecimento. Rapidamente, reivindicações políticas também apareceram: "os trabalhadores e camponeses querem liberdade, querem controlar seu próprio destino".

Para o governo, eram todos contra-revolucionários e a única resposta era a repressão. Emma e Berkman tentaram, inutilmente, convencer os dirigentes bolcheviques da cidade — Zinoviev e Zorin — de que mudassem de tática. Acreditavam que essas manifestações representavam o verdadeiro espírito da revolução de Outubro: a decisão dos trabalhadores de governarem sem repressão, sem centralismo, sem



Camponeses russos durante a grande fome de 1920 e 21.

uma nova elite dirigente.

Os grevistas estavam condenados à derrota, quando explodiu a revolta do Kronstadt, a fortaleza vermelha que tantas vezes defendera Petrogrado dos ataques brancos.

Entre os marinheiros do Kronstadt, havia certamente anarquistas, mas eram todos revolucionários fiéis a Outubro e sua assembléia conservava o dinamismo dos soviets nos primeiros tempos da revolução.

Os marinheiros do Kronstadt queriam pouco: maior autodeterminação, liberdade para o sindicato e assembléias de trabalhadores, liberdade para os prisioneiros políticos.

Os laços entre Emma e Sacha e os marinheiros eram antigos, deles chegara aos Estados Unidos o primeiro protesto contra a ameaça do governo americano de deportar Sacha. Por isso, os dois procuraram estabelecer uma ponte entre os amigos fiéis e o governo.

Mas a resposta do governo foi violenta. Os marinheiros foram acusados de cúmplices de uma conspiração czarista e contra-revolucionária.

Emma e Sacha reagiram como todos naquela época, era impossível que Lenin e Trotski estivessem bem informados. Seria necessário chegar até eles e desfazer o equívoco.

Enquanto isso, a lei marcial foi decretada e, no soviete de Petrogrado, Zinoviev mais uma vez condenou a insurreição como contra-revolucionária, apesar dos depoimentos de marinheiros que lembravam os

tempos recentes em que também Lenin, Trotski e Zinoviev, chamados de espiões alemães pelo governo de Kerenski, tinham sido levados ao poder por eles, marinheiros do Kronstadt, junto ao povo.

Numa última tentativa de mediação, Berkman e Emma levaram um comunicado a Zinoviev.

“Silenciar é nesse momento impossível e até criminoso. Os acontecimentos recentes forçam-nos, anarquistas, a falar e explicitar nossa atitude diante da situação que vivemos.

“O espírito de agitação e insatisfação que se manifesta entre os trabalhadores e os marinheiros é o resultado de causas que merecem muita atenção. O frio e a fome provocaram a insatisfação, e a ausência de qualquer oportunidade de discussão e crítica está forçando os trabalhadores a trazerem suas reivindicações a público.

“A guarda branca quer e pode tentar explorar o descontentamento em seu interesse próprio. Ocultos atrás dos trabalhadores e marinheiros levantam *slogans* de uma Assembléia Constituinte, de liberdade de comércio e outros.”

“Nós, anarquistas, desde há muito criticamos o vazio desses *slogans* e declaramos ao mundo que combateremos com armas na mão toda tentativa contra-revolucionária, lado a lado com nossos companheiros socialistas revolucionários e bolcheviques.

“No que diz respeito ao conflito entre o governo soviético, nós, os trabalhadores e marinheiros, insistimos que esse deve ser implantado não pela força das armas, mas através da solidariedade, de um acordo fraternal e revolu-

cionário. Se o governo soviético recorrer ao derramamento de sangue nesse momento, não intimidará nem silenciará os trabalhadores. Ao contrário, servirá apenas para agravar os problemas e fortalecer a *entente* e a contra-revolução interna.

“Ainda mais, o uso da força pelo governo dos operários e camponeses contra os trabalhadores e marinheiros terá um efeito negativo no movimento revolucionário internacional e resultará num prejuízo incalculável para a Revolução Social.

“Camaradas bolcheviques, reflitam antes que seja demasiado tarde. Não brinquem com fogo, diante de uma decisão tão séria e definitiva.

“Submetemos-lhes as seguintes propostas: que seja escolhida uma comissão de cinco pessoas, incluindo dois anarquistas. Essa comissão deve ir ao Kronstadt para resolver o conflito por meios pacíficos. Na situação presente, esse é o método mais radical e terá uma significação revolucionária internacional.

Petrogrado, 5 de março de 1921
Alexandr Berkman
Emma Goldman
Parkus
Petrovsky”

O apelo não foi levado em consideração. O Kronstadt, “orgulho e glória da Revolução”, nas palavras de Trotsky alguns anos antes, foi bombardeado sob as ordens do mesmo Trotsky, durante 10 dias e 10 noites. Quando o silêncio se fez sobre Petrogrado,

era mais assustador do que o bombardeio incessante das noites anteriores, escreveu Emma.

O episódio representou o ponto de ruptura de Emma e Sacha com a revolução bolchevique. Logo em seguida, a repressão contra os anarquistas se intensificou, enquanto florescia a Nova Política Econômica.

Emma sentia-se, então, duplamente desesperada diante das desigualdades crescentes que a NEP estimulava. O povo continuava faminto e novas lojas de comestíveis finos abriam, freqüentadas por uma burguesia especuladora.

Quando os anarquistas prisioneiros iniciaram uma greve de fome, Emma e Sacha organizaram um comitê de apoio e tentaram conseguir solidariedade no Congresso da Internacional Sindical, que se realizava em Moscou.

Os velhos amigos da IWW se afastavam temerosos. Parecia impossível que o governo dos operários e camponeses prendesse outros revolucionários.

Seguiram-se prisões e execuções de anarquistas. Entre os mortos estava Fanya Baron, amiga e companheira ainda da América.

Depois disso, o governo decidiu extraditar os anarquistas presos. Berkman recusou-se a assinar a negociação. Era por princípio contrário a toda extradição.

Para Emma não havia nada mais a fazer senão partir também. Solicitaram passaportes ao governo e depois de infindáveis dificuldades, ela, Sacha e

um companheiro viajaram a Riga e daí a Estocolmo.

No trem, Emma cerrava os dentes tentando abafar os soluços. Não vivia apenas um fracasso individual. A ruptura entre libertários e bolcheviques teria conseqüências funestas, observava Victor Serge, que na época ainda procurava conciliar seus ideais com a dura realidade das tarefas revolucionárias. Para Serge, a formação americana de Emma e Berkman distanciara-os dos russos. Eram herdeiros da rebelião humanista do século XIX. Considerava que Emma possuía uma grande capacidade de organização, sentido prático, os princípios rígidos e, ao mesmo tempo, generosos, o sentimento individualista de uma americana dedicada à ação social. "Mas para os bolcheviques, era irremediavelmente representante de um movimento pequeno-burguês decadente e em vias de desaparecimento."

Seriam essas qualidades americanas incompatíveis com a realidade da revolução? Teriam sido Emma e Berkman, como aqueles anarquistas de que fala Angelica Balabanova em suas memórias, hipercríticos, utópicos, incapazes de levar em consideração as condições e as circunstâncias objetivas? Balabanova, secretária da Internacional, afastada já no processo de monolitização da política bolchevique, fez a defesa das opções de Emma e Sacha: "Era impossível servir a revolução como haviam desejado, mas sua experiência na Rússia foi marcada pela coragem e pela fidelidade aos ideais".

Emma e Sacha foram dos primeiros atores de uma

grande tragédia que apenas se iniciava, testemunhas frágeis de um acontecimento cuja grandeza ofuscava a todos. Acusados de traidores, escreveram livros e artigos, tentaram ser ouvidos pela intelectualidade européia, organizaram comitês de ajuda aos presos políticos na União Soviética. Ainda era cedo, e os grandes processos só viriam anos mais tarde. Os revolucionários não queriam ver nem ouvir.

Emma sustentou várias polêmicas. Numa delas, contra uma jornalista que reproduzira o argumento clássico de que toda crítica ao governo soviético favorecia ao fascismo e, portanto, deveria ser silenciada, respondeu que não precisava provar sua rejeição ao sistema capitalista. Combatera-o toda sua vida. Mas era-lhe impossível defender a liberdade na sua própria casa e silenciar os crimes cometidos em nome da liberdade pelo governo soviético. Os métodos dos bolcheviques eram inerentes às ditaduras.

"Minha idéia sobre a revolução não é a de um extermínio contínuo das dissidências políticas... A vida de cada indivíduo é importante e não pode ser aviltada e degradada como se fora um autômato. Essa é minha contradição principal com o estado comunista."

Os anos que se seguiram, um interminável exílio, foram marcados pelas dificuldades com as autoridades de vários países, problemas financeiros e isolamento cada vez que tentava transmitir as angústias de sua experiência.

Da Suécia para a Alemanha, para a Inglaterra e

França, Emma perambulou estrangeira. Para conseguir a nacionalidade inglesa, fez um casamento branco com um velho mineiro. Voltou a fazer conferência sobre o drama moderno, escreveu sobre sua vida na Rússia. Viajou ao Canadá e por breves 90 dias teve autorização para visitar os Estados Unidos.

Mas a melhor parte desses tempos de exílio viveu-os numa pequena casa em Saint Tropez, na costa mediterrânea da França, escrevendo suas memórias — recomeçava o que já estava terminando, sua vida.

Em 1935, completou 65 anos. Fazia o balanço do passado e escreveu para Sacha, que se instalara em Nice: “Muitos homens passaram pela minha longa vida. Mas você, meu querido, ficará para sempre”.

No ano seguinte, Sacha, doente, sofreu duas operações. Arruinado, sob dores constantes, planejou ainda visitá-la pelo seu aniversário. As dores impediram-no. Suicidou-se. Já vivera sua vida, escreveu, e acreditava que quando não se tem saúde nem meios para trabalhar por suas idéias é tempo de desaparecer. Dizia adeus a 45 anos de camaradagem e amizade — uma das coisas mais raras no mundo —, à imutável marinheira que deveria continuar com seu trabalho iluminando aquele mundo obscuro que era o deles.

Fora Sacha quem revisara, como um cirurgião, dizia, suas memórias. Toda sua obra estivera ligada a ele. Era ainda o companheiro mais próximo, acima de todos os desacordos, que não foram poucos. Especialmente nos últimos anos, pois Sacha vivia com uma companheira alemã, sensível e nervosa, alheia à



Fedya, Emma e Sacha em Saint-Tropez, nos anos 30.

história que era deles. A relação era atormentada e Emma provocava seguidamente ferozes ciúmes em Emmie. Com a franqueza que a caracterizava, muitas vezes desculpou-se junto a Emmie: andava particularmente nervosa, dizia.

Agora estava só. Vendeu a casa "Bon Sprit", distribuiu o dinheiro para pagar dívidas, ajudar Emmie e preparou-se para uma nova batalha.

Na noite escura que se seguiu à morte de Sacha, uma luz brilhava: a Espanha.

Durante anos apoiara e divulgara a pedagogia libertária do espanhol Francisco Ferrer, assassinado pela reação. Era chegado o momento de participar também da experiência anarquista que se organizava, especialmente na Catalunha. Assim, quando a Confederação Nacional do Trabalho (CNT), central operária anarquista, e a Federação Anarquista Ibérica convidaram-na para visitar Barcelona, ela estava pronta.

Entusiasmada, envolveu-se na vida política catalã. Deveria ser possível construir uma revolução em liberdade, preocupar-se ao mesmo tempo com a reforma agrária, a ameaça franquista, a escola moderna e os perigos da centralização.

De volta à Inglaterra, Emma assumiu as funções de porta-voz da CNT. Tratou de organizar auxílio e solidariedade com o povo em luta, levantar recursos, divulgar.

Voltou várias vezes à Catalunha e à Espanha. Percorreu fábricas e escolas, comunidades agrárias e sindicatos. Acompanhou de perto as dificuldades

dos anarquistas espanhóis. Tinha duas restrições às orientações adotadas: a participação em postos governamentais e a aliança com os comunistas.

Nas cartas, referia-se a seu "conflito interior": "A Espanha provou mais uma vez que nada resta de anarquismo quando somos forçados a fazer concessões em detrimento do ideal pelo qual lutamos toda a vida". Criticou os erros políticos dos anarquistas espanhóis, mas continuou a apoiar a CNT. Para ela, a traição de Stalin era inevitável e, mais uma vez, denunciou as perseguições contra os anarquistas e os revolucionários não-comunistas, os mesmos métodos dos bolcheviques que já criticara na Rússia Soviética.

Viveu em Barcelona sob bombardeios constantes, ameaçada. Sentia-se ali mais jovem e mais forte. Seu hotel, em uma esquina da grande Praça da Catalunha corria perigo durante os bombardeios. Ela então descia aos abrigos, junto com mulheres, crianças e anciãos. Apenas interrompida, a vida quotidiana retomava apesar da tragédia e dos mortos depois de cada bombardeio: as crianças iam à escola, o trabalho se organizava.

Em outubro de 1938, deixou a Espanha pela última vez. Em Londres, retomou a organização da solidariedade. Escapara ilesa dos bombardeios para em Londres machucar-se seriamente ao cair de uma escada. Segundo ela, o acidente provava que as pequenas coisas influem mais na vida de alguém do que os grandes acontecimentos.

Ao final daquele ano, as circunstâncias novamente se abateram sobre ela. A Catalunha vencida calava-se sob as tropas de Franco. "Os acontecimentos da Catalunha e de Barcelona foram demasiado violentos para meus nervos de aço e me sinto completamente incapaz de escrever uma linha."

Um ano depois, embarcou para o Canadá, determinada a recolher fundos para os exilados espanhóis. Conservava a energia e a lucidez política. Em suas declarações aos jornalistas, previa que a segunda guerra era inevitável. Explodiria antes que os povos do mundo se levantassem, decididos, contra seus governos.

Continuou a trabalhar. Pela Espanha esmagada, pelos anarquistas perseguidos na Itália, pela paz.

Em 17 de fevereiro de 1940, estava reunida com seus amigos quando sofreu um derrame. Lúcida, mas sem poder falar, sobreviveu ainda dois meses.

Faleceu a 14 de maio do mesmo ano.

Morta, a velha dama indigna, a mulher mais perigosa do mundo deixou de ser uma ameaça à democracia americana. Seu corpo voltou aos Estados Unidos e foi enterrado em Chicago, no cemitério de Waldheim, próximo do túmulo dos mártires de Chicago, que lhe haviam inspirado a vida de revolucionária.

"QUANDO DEIXARMOS A NOSSA CASA DE BONECAS"

De que matéria se faz uma rebelde? Uma mulher rebelde?

Emma Goldman parece feita de muitas matérias. De lembranças e sensações da infância. De conflitos. De muitos amores feitos e desfeitos. Uma rebeldia construída no quotidiano das injustiças individuais e sociais sofridas ao longo dos anos. Foi rebelde: anarquista e feminista. Anarquista e feminista porque rebelde.

Para ela, o engajamento político não fora uma opção teórica, mas a expressão de um protesto, uma resposta. A resposta anarquista faz parte de uma época na história de um mundo em ruptura, em que homens e mulheres acreditaram poder (re)construir uma harmonia sonhada ou perdida, partindo de

seus próprios desejos. Enquanto isso, inexoráveis, as máquinas avançavam: as máquinas do capital, as máquinas da guerra, a máquina da política.

A política, escreveu Rosa Luxemburgo, “é como a adoração oca do Baal, que conduz as pessoas — vítimas de sua própria obsessão, de raiva mental — a sacrificarem toda sua existência”.

Se, de um lado, avançavam as máquinas do capitalismo, de outro, o simples desejo não era capaz de destruir a lógica infernal e terminava, ele também, transformando-se em máquina. Uma máquina da vontade política disfarçada em partido.

Em Emma Goldman, no princípio, estava um desejo de justiça, de amor e liberdade. Foi esse desejo que ela viveu e serviu, sempre recusando-se a submetê-lo a regras de eficácia ou de lógica. Nisso tentou escapar à política cega e fanática, de que fala Rosa, e construir uma política humana em que ela própria, como Rosa, também vermelha, que ela não conheceu, “pechinchava sua porção diária de felicidade com a teimosia de uma mula”.

Por isso lutou pela felicidade, pela igualdade social, pelo direito à liberdade, pela beleza das flores e cores, pelo prazer e pelo amor, sem estabelecer hierarquias.

Imagino que isso significa ser radical. Recusar etapas, objetivos ambíguos, meias palavras. Recusar a servidão sob qualquer de suas formas.

Porque era uma radical, não existe em Emma oposição entre vida e obra. Ambas se confundem, coincidem: o engajamento nas lutas sociais e os

sonhos de felicidade. Talvez por isso, também, por não ter sido séria e sóbria como convinha aos mártires da Causa social, por ter abraçado causas perdidas ou malditas, talvez por isso, tenha sido tanto tempo esquecida e silenciada, na época dos heróis e heroínas da revolução social, para surgir resgatada pela geração iconoclasta dos anos 60.

Seu radicalismo político está na raiz da crítica que fez à revolução de outubro, na medida em que rejeitou a tese de que os objetivos da revolução justificavam os métodos desumanos, a falta de democracia e a centralização autoritária que se instaurou na sociedade soviética. Para ela, não era possível construir a revolução pela ditadura, ainda que essa última se autodenominasse ditadura do proletariado. A negação de todo estado autoritário era incompatível com o fortalecimento do estado. Essa foi sua crítica à revolução soviética e aos anarquistas na revolução espanhola, quando apontou-lhes os efeitos negativos da participação no aparelho de governo e da aliança com os comunistas para sua tática revolucionária.

Para a *intelligentsia* radical da época, ela não compreendia as necessidades práticas da política revolucionária — “a revolução real”. Emma mesma pressentira que o tempo lhe daria razão, que a revolução real levaria a um socialismo real, que nada mais seria do que um arremedo de socialismo.

Outro aspecto não menos fascinante de sua vida/obra, para usar a expressão de Augusto de Campos

sobre uma mulher também iluminada, Pagu, é seu radicalismo feminista.

Não era uma feminista "pura". Mas, como observa Alix Kates Shulman, não existe um único e verdadeiro feminismo, monolítico. Todos os movimentos sociais trazem componentes diversos: assim, há um feminismo conservador, um feminismo liberal, um feminismo radical, um feminismo socialista.

Se o feminismo, hoje, nos aparece articulado com diferentes perspectivas políticas, com conteúdos que remetem muito diretamente a conjunturas nacionais e locais, a culturas de classe distintas, o mesmo ocorreu na época de Emma Goldman. Para algumas feministas de seu tempo, ela era uma inimiga, porque não defendia o direito ao voto e era contrária às idéias moralistas de algumas — o que lhe parecia apenas uma nova versão do puritanismo vitoriano.

É certo que Emma criticou as ilusões do voto como solução mágica para resolver todas as discriminações e desigualdades; nisso, apegava-se a sua visão anarquista. Mais importante, no entanto, parece-me a sensibilidade que teve ao engajar-se em algumas das lutas malditas das mulheres: o direito à contracepção, o questionamento da maternidade como destino natural das mulheres, a opressão sexual.

Sobre esses temas, é radical e visionária, muito próxima do feminismo revisitado dos anos 1960/70. Sua reflexão parte da opressão sexual e familiar para compreender as discriminações que as mulheres sofrem no trabalho, nas instituições, na cultura.

Esse era o ponto principal de sua análise, de seus discursos, de suas lutas.

Dizia:

"Em nenhum lugar a mulher é tratada pelo mérito de seu trabalho, mas sempre como sexo."

Também ela sentira que todos os seus companheiros tentaram fazer dela uma esposa, mãe de seus filhos, tentaram de alguma forma moldá-la a sua vontade. Contra isso rebelara-se. Sentia que ali, nas relações entre os sexos, na relação amorosa, formavam-se os tiranos internos que cimentavam a servidão das mulheres: o sentimento de dependência, a resignação, a devoção. Sem rompê-los, nenhuma reforma social pode dar às mulheres uma liberdade que elas não querem.

"(...) Precisamos desembaraçar-nos das velhas tradições, dos hábitos ultrapassados, para então ir em frente. O movimento feminista deu apenas o primeiro passo nessa direção. É necessário que se fortaleça para dar o segundo passo. O direito de voto, a igualdade civil, podem ser reivindicações justas, mas a emancipação real não começa nem nas urnas nem nos tribunais. Começa na alma de cada mulher. A história nos ensina que em todas as épocas foi por seu próprio esforço que os oprimidos se libertaram de seus senhores. É preciso que a mulher aprenda essa lição: que a sua liberdade se estenderá até onde alcance seu poder de libertar-se a si mesma. Por isso, é mil vezes mais

importante começar por sua regeneração interior: derrubar o fardo dos preconceitos, das tradições, dos hábitos (. . .).”

O individualismo de Emma obscurecia-lhe, às vezes, a importância em modificar, também, algumas das instituições da servidão feminina. Mas era sempre irredutível contra o casamento — espécie de contrato que sancionava a dependência das mulheres, encerrando-as numa “casa de bonecas”. Por isso amara tanto a personagem Nora da peça de Ibsen, *Casa de Bonecas*, que consegue crescer e deixar para sempre a casa de brinquedo em que vivia encerrada.

Defendia o amor livre, aquele que não necessitava de instituições para resguardá-lo, espontâneo e selvagem. Para que esse amor pudesse existir, havia uma condição: a igualdade.

Esses eram problemas ainda invisíveis para as feministas de seu tempo e, aqui, as intuições de Emma aproximam-na das novas gerações feministas, como na política se aproximava do que hoje chamamos de Nova Esquerda.

Emma viveu também as contradições que apontava na condição feminina. Foi supermulher, sem dúvida. Capaz de igualar-se aos homens na política, na ação, no trabalho, certamente deve ter sido uma figura opressora para as outras mulheres com que conviveu, menos determinadas, mais frágeis e dependentes do que ela. Nas suas memórias, observou que possuía poucas amigas mulheres. Uma exceção fora Voltairine de Cleyre, anarquista e feminista como ela.

No entanto, não desprezava o trabalho feminino tradicional: as tarefas domésticas. Descreveu frequentemente seus êxitos culinários, seus cuidados com a alimentação dos numerosos amigos que freqüentaram sua casa nas mais variadas circunstâncias: em Nova Iorque, em Moscou e Petrogrado, quando fazia milagres contra a penúria e alimentava até dez pessoas com poucas rações.

Rudolf Rocker, anarquista hospedado no sítio de Bon Sprit em Saint Tropez, descreveu-a: “Habitualmente se considera que as mulheres que levam uma vida pública descuidam dos assuntos domésticos. Isso pode ser às vezes verdadeiro, mas não se aplicaria a Emma, nem mesmo em sua juventude. Era uma dona-de-casa modelo, que apreciava fazer ela própria o trabalho doméstico. Na sua casa, imperava uma limpeza irrepreensível e um sentido de organização invejável para muitas donas-de-casa perfeitas. Era além de tudo uma boa cozinheira e se orgulhava muito de sê-lo. (. . .) Levantava todos os dias às 6 da manhã. Aquecia uma xícara de café forte e punha-se a trabalhar. Naquele tempo, devia estar escrevendo suas memórias. Depois do café da manhã, limpava cuidadosamente a casa, punha a roupa de cama ao sol no jardim, regava as flores. Em seguida, dedicava algumas horas ao trabalho literário. As onze preparava o almoço. Depois voltava ao escritório e trabalhava sem interrupção 3 ou 4 horas. Em seguida, dávamos um passeio à beira-mar. Emma deixava-nos em geral uma hora antes para preparar

a comida, à que rendíamos homenagem na volta".

A descrição provoca-nos, mais do que a admiração revolucionária do autor, uma profunda admiração feminista. Reprodução ilustre do quotidiano ignorado de muitas mulheres.

Mas das atribuições de uma supermulher, Emma recusou no entanto a "mais nobre", a maternidade. Pareceu-lhe uma circunstância definitiva que limitaria sua liberdade individual. A maternidade como opção, e não como destino, foi uma de suas bandeiras. Por ela não hesitou em sujar as mãos num tema polêmico como o da contracepção, numa época dominada pelos argumentos malthusianos. Mesmo partindo deles, vai mais além e apreende do ponto de vista das mulheres, da dificuldade que é delas em dissociar sexualidade e reprodução, em se verem a si próprias não como máquinas reprodutivas.

Foi também terrivelmente ciumenta. Escreveu sobre o ciúme nos tempos em que era capaz de seguir o homem amado "como um cachorro". Condenou a monogamia quando se debatia desesperada diante dos amores freqüentes de Ben Reitman.

A supermulher era apesar de tudo muito humana, ainda que sempre exigente. Em suas memórias, quando se refere a Louise Bryant, companheira de John Reed, sente-se um certo toque de superioridade. Louise não era verdadeiramente uma revolucionária, apenas uma moça rica, a companheira de um revolucionário. Mesmo assim, foi capaz de entender a Louise aniquilada pela morte estúpida de Reed e

aquela que, meses mais tarde, ressurgia bonita e alegre para o escândalo dos que a queriam para sempre viúva de herói.

A mesma bela Louise, anos mais tarde, para sempre derrotada, disse num momento de lucidez a Angelica Balabanova: "— Por que nos tocou a nós perdermos nossa fé?"

Foi uma geração que viveu os êxtases e desgraças das revoluções. Madrugadas luminosas e sombrios tempos sem perdão. Muitos e muitas sucumbiram. Emma resistiu.

Era sem dúvida feita de matéria resistente — de vontade e desejo.

CRONOLOGIA

1869

- Emma Goldman nasce em Kovno (hoje Kaunas) na Lituânia.

1870

- Alexandr Berkman nasce em Vilna, Rússia.

1881

- A família Goldman se transfere para São Petersburgo.

1885

- Emma e a irmã Helena chegam aos Estados Unidos.

1886

- Atentado de Haymarket, Chicago, no momento da greve pela jornada de 8 horas de trabalho.

1887

- Emma casa-se com Jacob Kershner.
- Os mártires de Chicago são executados.

86

EMMA GOLDMAN



87

- 1889
– Emma separa-se definitivamente de Kershner e viaja para Nova Iorque.
- 1892
– *O Atentado*: Berkman é preso.
- 1893
– Emma é presa e levada para o cárcere de Blackwell's Island.
- 1899
– Posta em liberdade, Emma viaja para Viena para estudar enfermagem.
- 1900
– Emma Goldman volta aos Estados Unidos.
- 1901
– Assassinato de McKinley, presidente dos Estados Unidos.
- 1906
– Sai o 1º número da revista *Mother Earth*.
– Berkman é libertado.
- 1907
– Emma participa do Congresso anarquista de Amsterdam e torna-se defensora do planeamento familiar, integrando a campanha pelo *Birth Control*.
- 1917
– A Revolução Russa.
- 1919
– Emma Goldman e Alexandr Berkman, expulsos dos Estados Unidos, são embarcados no navio Buford rumo à União Soviética.
- 1921
– A insurreição do Kronstadt.

- Emma Goldman e Berkman deixam a União Soviética rumo à Suécia, depois Berlim.
- 1928
– Emma instala-se em Saint Tropez para escrever suas memórias.
- 1931
– As memórias de Emma Goldman, *Living my Life*, saem publicadas em Nova Iorque.
- 1936
– Morte de Berkman em Nice, na França.
– Emma parte para Barcelona e dedica-se ao apoio à Revolução Espanhola.
- 1939
– Emma instala-se no Canadá.
- 1940
– Morte de Emma Goldman em Toronto, Canadá. Seu corpo é levado para os Estados Unidos e enterrado no cemitério de Waldheim, junto aos mártires de Chicago.

INDICAÇÕES PARA LEITURA

I – Obras de Emma Goldman

As memórias de Emma Goldman, *Living my Life* (2 volumes), foram publicadas pela primeira vez em 1931 por Alfred Knopf Inc., Nova Iorque, e reeditadas pela Dover Publications, Inc., Nova Iorque, 1970. Em francês existe uma tradução, resumida, *Emma Goldman – Épopée d'une Anarchiste, New York 1886 – Moscou 1920*, Paris, Ed. Hachette, 1979.

Os principais textos de Emma Goldman estão reunidos no volume *Anarchism and Other Essays*, Nova Iorque, Dover Publications, Inc., 1969. As citações que fiz são traduções minhas desta edição e de *Living my Life*.

Algumas antologias reúnem os textos feministas de Emma: *The Traffic in Women and Other Essays on Feminism*, Albion, Times Change Press, 1970, com uma biografia de Emma escrita por Alix Kates Shulman; em francês, há *La Tragédie de*

l'Emancipation Féminine – suivi de Du Mariage et de l'Amour, Paris, Ed. Syros, com prefácio e comentários das organizadoras.

Vários números de *Mother Earth* são acessíveis no Arquivo Edgard Leuenroth da Universidade Estadual de Campinas.

Mas em português encontrei apenas um texto de Emma Goldman: *O Fracasso da Revolução Russa*, publicada na antologia *Os Grandes Escritos Anarquistas*, Porto Alegre, LPM, 1983. Sobre o mesmo tema Emma escreveu: *My Desillusionment in Russia*, Nova Iorque, 1923, reeditado em 1970, e *My Further Desillusionment in Russia*, Nova Iorque, 1924.

II – Sobre Emma Goldman

Além dos prefácios já indicados há uma biografia fundamental de Emma, a de Richard Drinnon: *Rebel in Paradise – A Biography of Emma Goldman*, Boston, Beacon Press, 1970. Nela me documentei para a reconstituição da vida de Emma até a deportação e também para a citação de algumas cartas.

Outros artigos são importantes para analisar o feminismo de Emma Goldman. O de Karen Rosemberg: *Red Emma* (mimeo.), o de Alix Kates Shulman: *Dancing in the Revolution – Emma Goldman's Feminism*, publicado na revista *Socialist Review*, Califórnia, 12(62), 1982, e o de Alice Wexler: *Emma Goldman in Love*, publicado em *Raritan*, vol. I, nº 4, 1982, do qual Rosaura Cynthia Eichenberg traduziu as duas cartas a Ben Reitman.

Sobre a vida de Emma na Rússia Soviética, na Espanha e os últimos anos de exílio há o livro de José Peirats: *Emma Goldman – Anarquista de Ambos Mundos*, Madri, Campo Abierto Ediciones, 1978.

Em português há um artigo que cita Emma Goldman, recentemente publicado. É de Elizabeth Wardwick e se chama "Reds", *O Estado de S. Paulo*, 25.4.1982.

III – Sobre a Era Progressista e os Radicais do Greenwich Village

Consultei o livro de Annachiara Danieli *L'Opposizione Culturale in America*, Milão, Feltrinelli, 1975, que além de um estudo interessante sobre o período reproduz artigos do jornal *The Masses*.

Mas fascinante é a biografia de John Reed (que cito na tradução francesa) escrita por Robert Rosenstone, Paris, Maspero, 1976.

IV – Sobre o Anarquismo

Em português, e um pouco à maneira de Emma Goldman, há um livro bonito: Francisco Foot Hardman, *Nem Pátria, nem Patrão*, São Paulo, Brasiliense, 1983. Consultei também outros estudos: Paula Beiguelman, *Os Companheiros de São Paulo*, São Paulo, Global, 1981; Paulo Sérgio Pinheiro/Michael Hall, *A Classe operária no Brasil, 1889-1930*, São Paulo, Alfa Ômega, 1979; Silvia Lang Magnani, *O Movimento Anarquista em São Paulo*, São Paulo, Brasiliense, 1982. A Editora LPM de Porto Alegre está publicando textos de anarquistas organizados por Daniel Guérin. Sobre a Espanha, há *Revolução e Guerra Civil na Espanha*, de Ângela Mendes de Almeida, Brasiliense (coleção "Tudo é História").

Para quem quiser pesquisar em outras línguas cito minhas fontes: Paul Avrich, *Los Anarquistas Rusos*, Paris, Alianza Editorial, 1974; Daniel Guérin, *L'Anarchisme*, Paris, Ed. Gallimard, 1976; *Ni Dieu ni Maître* (I, II, III), Paris, Ed.

Maspero, 1976; e *Le Mouvement Ouvrier aux Etats Unis*, Paris, Ed. Maspero, 1970; também há uma útil antologia organizada por Irving Louis Horowitz, *Los Anarquistas*, Madri, Alianza Editorial, 1982.

V – Memórias, Romances

Outras memórias têm Emma Goldman como uma das personagens. Antes de todas as de Alexandr Berkman, *Prison Memoirs of an Anarchist*, Nova Iorque, Mother Earth Publishing Assoc., 1912, reeditadas e também publicadas em francês pela Presses de la Renaissance, Paris, 1977.

Há também as memórias de Victor Serge, *Mémoires d'un Révolutionnaire, 1901-1941*, Paris, Ed. Seuil, 1951, indispensáveis para conhecer os primeiros anos da revolução soviética, e as de Angelica Balabanova: *La Mia Vita di Rivoluzionaria*, Milão, Ed. Feltrinelli, 1979.

Em português pode-se ler o romance de E. L. Doctorow, *Ragtime*, São Paulo, Abril Cultural, 1983, onde Emma aparece. E, é claro, pode-se ver e rever o filme *Reds*.

SOBRE A AUTORA

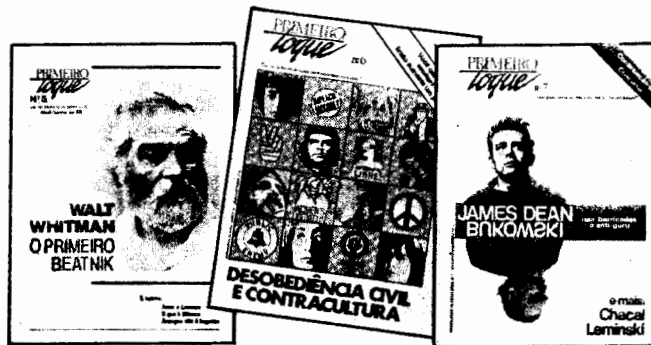


Nasci em Porto Alegre, onde fiz um curso de Letras. Quando 1968 explodiu eu estudava sociologia da literatura em Paris. Saí em busca da revolução perdida. Fui parar em Santiago nos tempos de Allende e de novo em Paris. Tive um filho e fiz uma tese. Voltei em 1979. Dei aula em Piracicaba e Marília. Hoje sou professora de sociologia na Universidade de São Paulo mas não sou socióloga.

Que pode haver de maior ou menor que um toque?

W. Whitman

VOCÊ CONHECE O PRIMEIRO TOQUE?



PRIMEIRO TOQUE é uma publicação com crônicas, resenhas, comentários, charges, dicas, mil atrações sobre as coleções de bolso da Editora Brasiliense. Sai de três em três meses.

Por que não recebê-lo em casa? Além do mais, não custa nada. Só o trabalho de preencher os dados aí de baixo, recortar, selar e pôr no correio.

NOME:

END.:

BAIRRO: FONE:

CEP: CIDADE: EST.:

PROFISSÃO: IDADE:

editora brasiliense s.a.
01223 - r. general jardim, 160 - são paulo